

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

A trilha sonora como produtora de sentido no telejornalismo:
uma análise da utilização de sons no Esporte Espetacular e no Jornal
Nacional

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Júnio Nogueira da Cruz

A trilha sonora como produtora de sentido no telejornalismo:
uma análise da utilização de sons no Esporte Espetacular e no Jornal
Nacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	03
2 A TV E O TELEJORNALISMO.....	06
2.1 BREVE HISTÓRICO.....	06
2.2 O PAPEL DO TELEJORNALISTA.....	11
3 SONORIZAÇÃO – POSSIBILIDADES DE ÁUDIO EM TELEJORNALISMO.....	15
3.1 OS SONS.....	16
3.2 A MÚSICA.....	18
4 ESTUDO DE CASO.....	21
4.1 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	21
4.2 METODOLOGIA	23
4.3 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS	25
4.4 PERCEPÇÃO DO TELESPECTADOR	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6 REFERÊNCIAS.....	44
7 APÊNDICES.....	46
8 ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

Sob a pergunta “De que maneira a música pode interferir no entendimento de uma informação, quando empregada em reportagens de televisão?” o interesse pelo tema apareceu há algum tempo e foi crescendo até se tornar essa monografia que se inicia.

A proposta inicial era verificar apenas como as músicas empregadas influenciavam ou interferiam na compreensão das informações passadas em matérias telejornalísticas. Durante a pesquisa, o tema se ampliou e optamos por verificar como a sonorização desempenha esse trabalho e de que forma percebem os sons as pessoas são impactadas pela utilização da sonoplastia.

Os objetivos se dividiram entre buscar a compreensão da problemática levantada, além de descobrir como a trilha sonora é empregada em diferentes formatos jornalísticos. Por isso, foram analisadas algumas edições do Jornal Nacional e do Esporte Espetacular, buscando equiparar as ocorrências de musicalidade e empregos de sons em cada um dos modelos, o diário e o semanal.

Acreditamos que a pesquisa do tema é justificável pela ausência de múltiplas visões que abordem o assunto, uma vez que existem poucos trabalhos e publicações que tratem da sonorização de do emprego de trilhas sonoras, especificamente, no telejornalismo, ao contrário do grande número de interpretações sobre a mesma problemática, porém, quando empregada no cinema, teledramaturgia e no rádio. Os poucos estudos que concluem pensamentos na área se fixam em estilos específicos, como o telejornalismo esportivo e o sensacionalismo, mas não o diário e as *hard-news*.

O corpus dessa pesquisa se baseia em edições do Esporte Espetacular exibidas durante o mês de dezembro de 2013 e do Jornal Nacional, veiculadas entre os dias 16 e 21 do mesmo mês do ano passado, totalizando 146 reportagens assistidas.

Para desenvolver esse trabalho, o tema foi dividido em três momentos distintos, que ajudam a contextualizar e a apresentar os caminhos que nos fizeram chegar aos resultados. No primeiro, uma breve viagem pela história recente do telejornalismo no Brasil e os principais modelos que ajudaram – e ajudam – a informar a população, tal qual uma pequena discussão sobre qual o papel do jornalista no mundo moderno.

Em um segundo momento, versamos a respeito das possibilidades da sonorização no telejornalismo e suas principais utilizações. Contamos também com breves explicações a respeito da influência dos sons em nosso organismo: forma de percepção, efeitos causados no corpo e de que forma elas podem criar sentido e influenciar na recepção de informação.

No último momento, antes da apresentação dos resultados, tivemos a análise dos objetos de estudo desse trabalho. Foi apresentado um pouco da história dos dois noticiários estudados, além de uma avaliação da utilização de trilhas sonoras e sons nas reportagens exibidas no Jornal Nacional e no Esporte Espetacular. Conseguimos criar uma linearidade da maneira com a qual esses elementos aparecem para o público e a principal sensação provocada em cada um.

Ainda com o objetivo de comprovação, apresentamos dados numéricos da utilização desses sons e de como o emprego deles possibilita interação, uma vez que o discurso e cenários criados pelas trilhas sonoras também fizeram parte da análise.

A pesquisa ainda teve os resultados obtidos durante uma reunião para a realização do grupo focal, que nos ajudou a perceber como a trilha sonora é recebida pelo telespectador. Em um debate feito após a exibição de algumas reportagens, os participantes emitiram opiniões que enriqueceram a pesquisa.

Resultado esse que teve a participação de autores que publicaram estudos entre 1968 e 2013, que com suas linhas de pensamento nos ajudaram a achar um caminho para construir linhas recentes e que contextualizassem a realidade e nos fizessem perceber, entre

outras coisas, como um apaixonado por futebol consegue assistir aos mesmos lances várias vezes e se emocionar todas elas.

A partir da próxima página, aumente o volume, que a viagem vai ter trilha sonora, som ambiente e até mesmo ruídos, assim como acontece em um caminho percorrido de ônibus, por exemplo, quando seu aparelho celular dita a música pelo fone de ouvido, mas os ruídos ao redor continuam presentes e servem para te ajudar a compreender tudo o que acontece.

2 A TV E O TELEJORNALISMO

De acordo com Traquina (2004, p.34) o jornalismo atual têm suas origens ligadas ao século XIX, quando a imprensa se desenvolveu. O grande desenvolvimento dos jornais no Século XIX e o emprego que começou a ser gerado proporcionou a especialização da categoria, que iniciava a produção de notícias e não somente propagandas. Assim, valores que ainda utilizamos hoje começaram a nascer. São eles: notícia, procura da verdade, independência, objetividade e uma noção de serviço ao público. Ainda de acordo com Traquina (2004, p.35) o Século XIX pode, então, ser encarado como uma “época de ouro do jornalismo”. Entre os principais fatores estão os grandes avanços tecnológicos da época, assim como a evolução do sistema econômico. Aliado a isso, os fatores sociais e o dinamismo da política no reconhecimento das liberdades rumo à democracia.

Anos depois, a imprensa, os jornais e outros mecanismos começam a mudar. Chega o rádio, a televisão e, bem mais recente, a internet. Aqui, vamos nos deter nele que, segundo Bucci (1997), é o mais popular meio de comunicação atual: a televisão

2.1 BREVE HISTÓRICO

A TV Tupi de São Paulo foi a primeira emissora de televisão do Brasil, implantada por Assis Chateaubriand e inaugurada em 1950. Desde então o veículo foi se popularizando. Segundo Bucci (1997), ela se tornou um dos mais influentes meios de comunicação do país, passando a construir a maneira com que o brasileiro enxergava sua realidade, afinal, se o fato não foi noticiado, ele passa, portanto, a ser ignorado. Assim, a televisão passou também atuar como o principal meio de informação da população.

Vera Íris Paternostro (2006, p.37) relata que o primeiro telejornal da televisão brasileira foi o *Imagens do Dia*, com estreia datada de 19 de setembro de 1950, apenas um dia após a inauguração da TV Tupi de São Paulo. Como o rádio era o modelo em que se podia basear, na época, o texto seguia o estilo radiofônico com narrações em off e algumas notas com imagens em filme preto-e-branco e sem som. Paternostro (2006) ainda comenta que o noticiário ia ao ar entre 21h30 e 22h sem preocupação com a pontualidade, ficando pouco tempo no ar, ao contrário de seu sucessor, o *Telenotícias Panair*, que ia ao ar pontualmente às 21h30, porém durando também pouco tempo. *Imagens do Dia* contava com um apresentador, Rui Resende, que também era produtor, redator e locutor das notícias.

O primeiro noticiário de sucesso da televisão brasileira foi o *Repórter Esso*, também da TV Tupi, permanecendo no ar por quase vinte anos.

Nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador, como é o caso desse telejornal lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho. No ano seguinte, os cariocas ganhavam sua versão, com Gontijo Teodoro. Os dois eram conhecidos locutores de rádio, mas já começavam a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, o texto era objetivo, o apresentador era enquadrado no plano americano e tinha horário fixo para entrar no ar, às 20h. (PATERNOSTRO, 2006, p.37)

Paternostro (2006) ainda pontua que sua abertura “Aqui fala o seu *Repórter Esso*, testemunha ocular da história”, ficou famosa e esse foi um dos programas de maior sucesso da televisão brasileira.

Outros telejornais foram se seguindo, de acordo com Paternostro (2006) como o *Edição Extra*, também da TV Tupi de São Paulo, que foi o primeiro noticiário vespertino, apresentado por Maurício Loureiro Gama e responsável pelo lançamento do primeiro repórter de vídeo da TV brasileira, José Carlos de Moraes, o Tico-tico.

Dois outros noticiários também tiveram relevância no país, principalmente, pela sua inovação. O *Jornal de Vanguarda* estreou na TV Excelsior do Rio de Janeiro em 1962 e passou por outras emissoras, antes de ser retirado do ar pela censura, em 1968. A inovação se deu pela presença de vários comentaristas e locutores, entre eles, Cid Moreira, num visual dinâmico e que deixava de lado o estilo radiofônico. No ano de 1963, na Espanha, recebeu o Prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo. Com a mesma tendência inovadora, de entre 1963 e 1964 era exibido também pela TV Excelsior de São Paulo o *Show de Notícias*. (PATERNOSTRO, 2006)

O telejornal mais antigo ainda em exibição teve sua estreia em 1º de setembro de 1969. O *Jornal Nacional* era chefiado pelos jornalistas Armando Nogueira e Alice-Maria. Vera Íris Paternostro pontua que esse foi o primeiro jornal em rede nacional do país, “gerado no Rio de Janeiro, sede da TV Globo, para suas emissoras em várias partes do país, ao vivo, por um sistema da Embratel que associava a emissão por micro-ondas e por satélite” PATERNOSTRO (2006). O estilo foi construído baseado em noticiários americanos e com a implantação de avanços tecnológicos e com a modificação da linha editorial, mantendo a liderança de audiência até os dias de hoje.

Em 1977, a TV Bandeirantes anunciava seu primeiro telejornal. Segundo GUEDES (2010), a emissora que se dedicava mais ao esporte, lançava seu primeiro noticiário em fevereiro daquele ano, o *Jornal da Band*, liderado pelo jornalista Paulo Henrique Amorim, com um estilo forte e opinativo.

A primeira experiência de um telejornal matutino foi registrada no *Bom Dia São Paulo*, em 1977, exibido pela TV Globo São Paulo. Segundo Paternostro (2006), às sete horas da manhã, o noticiário ia ao ar utilizando, pela primeira vez no jornalismo diário, a UPJ – unidade portátil de jornalismo – com repórteres em links ao vivo de vários pontos da cidade, levando informações sobre serviços. Daí em diante, o *Bom Dia Praça* (Bom Dia Minas, Bom

Dia Rio e etc) foi instalado nas emissoras afiliadas, sempre com a mesma linha de prestação de serviços e com característica comunitária, como informações sobre trânsito, movimentação das cidades, aeroportos e outros.

Também matutino – na faixa de horário de 08h às 11h – e exibido pela TV Globo de São Paulo, em 1980, entrava no ar o TV Mulher, primeiro noticiário dedicado à mulher, que ficou seis anos no programação e lançou a apresentadora Marília Gabriela. O telejornal foi destaque ainda nas páginas do jornal americano *New York Times* e debatia temas como comportamento sexual, direitos e saúde da mulher. (PATERNOSTRO, 2006)

Com um horário matutino já consolidado, a Rede Globo lançava o *Bom Dia Brasil*, em 1983. De acordo com Paternostro (2006), um telejornal em rede nacional gerado de Brasília e dando prioridade a assuntos políticos e econômicos, com exibição logo após o *Bom Dia Praça*. Atualmente, o noticiário é gerado da sede da emissora, no Rio de Janeiro e com blocos ao vivo de São Paulo e Brasília, com assuntos variados e contando até com a presença de colunas especializadas, como a de esporte, apresentada pelo jornalista Tadeu Schmidt.

A figura do âncora, o jornalista que dirige, apresenta e opina sobre os assuntos, foi importada dos Estados Unidos e, no Brasil, em quatro de setembro de 1988 o *TJ Brasil* – exibido pelo SBT – era o primeiro noticiário a contar com a presença dessa figura. Segundo Paternostro (2006), Bóris Casoy, então jornalista conhecido da mídia impressa e sem experiência com TV, assume a bancada do *TJ Brasil*, ganha espaço com seus comentários que se aproximavam do pensamento da população ajudava a emissora a ganhar a audiência, suprimindo a falta de recursos técnicos, até meados de 1997, quando Bóris se transferiu para a TV Record.

Também em 1997, saía do ar um dos primeiros programas sensacionalistas. O *Aqui e Agora* foi lançado pelo SBT em maio de 1991 com o objetivo de atrair as classes C/D/E. Eram duas horas de programa recheados de sensacionalismo, reportagens policiais,

flagrantes, denúncias... Era um “show de notícias” que elevou a audiência do canal, mas cansou. Sendo tirado do ar no final de 1997. (PATERNOSTRO, 2006)

Nos canais fechados também o telejornalismo se faz presente. A primeira rede de jornalismo 24 horas do mundo foi a CNN – Cable News Network. Paternostro (2006), relata que Ted Turner, um jovem publicitário compra, em 1970, uma pequena emissora local em Atlanta, nos Estados Unidos. Seis anos mais tarde, com um *transponder* e um satélite de comunicação, ele passava a exibir seu sinal para todo o país e criava uma emissora de TV especializada em jornalismo.

Em primeiro de junho de 1980, Turner apostou no jornalismo e lançou a primeira rede de notícias 24 horas, sete dias por semana, 365 dias por ano: a CNN. (...) O negócio deu certo e, em dois anos, ele criou a *Headline News*, uma nova rede de jornalismo 24 horas nos Estados Unidos. (...) Em setembro de 1985, a TBS – Turner Broadcasting System – ousou ainda mais: lançou a CNNI – Cable News Network International, uma rede de jornalismo 24 horas para cobrir o noticiário internacional e conquistar assinantes em todas as partes do mundo. PATERNOSTRO (2006, p.44 e 45)

No Brasil, anos depois de Turner e da CNN, o primeiro canal de jornalismo 24 horas era inaugurado em 15 de outubro de 1996, uma sexta-feira, às 20h30, com uma programação que exibia as principais atrações do canal que se iniciava: a *Globo News*. PATERNOSTRO (2006)

Com 22 edições a cada 24 horas o *Em Cima da Hora* era o telejornal referência da *Globo News*. Segundo Vera Íris Paternostro, “um telejornal em cascata: ao longo do dia ele se transforma, se encorpa com a inclusão de novas reportagens e a atualização dos assuntos do Brasil e do mundo”, PATERNOSTRO (2006, p.48).

A primeira edição do *Em Cima da Hora* entrou no ar às 21h em ponto, e o assinante começava a receber o primeiro canal brasileiro de jornalismo no qual a notícia, o fato e o acontecimento estão acima de tudo e têm força para interromper e mudar a grade de programação a qualquer instante. As informações econômicas estão em duas edições ao vivo do *Conta Corrente*, e o que acontece no Brasil, mas nem sempre é assunto para grandes manchetes dos jornais, está no *Via Brasil*. PATERNOSTRO (2006 p.49)

Outro telejornal de destaque da Globo News é o *Jornal da Dez*, com uma hora de produção, presença de comentaristas e ancorado do Rio de Janeiro com apresentadores em Brasília, São Paulo e Nova York, é o “Jornal Nacional” da Globo News, primeiro e único noticiário da TV fechada com exibição diária em rede nacional. PATERNOSTRO (2006)

2.2 O PAPEL DO TELEJORNALISTA

Para Traquina (2004), os jornalistas acabam se condicionando a fatores externos no exercício de sua profissão, porém, deixando uma determinada autonomia para os profissionais, o que gera uma relação de poder.

(...) o trabalho jornalístico é altamente condicionado, mas também reconhece que o jornalismo, devido à sua “autonomia relativa”, tem “poder”, e, por consequência, os seus profissionais tem poder. Os jornalistas são participantes ativos na definição e construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade. Há alguns momentos, ao nível individual, durante a realização de uma reportagem ou na redação de uma notícia, quando é decidido quem entrevistar ou que palavras serão utilizadas para escrever a matéria, de mais poder consoante a sua posição na hierarquia na empresa, e coletivamente como os profissionais de um campo de mediação que adquiriu cada vez mais influência com a exposição midiática, tornando evidente que os jornalistas exercem poder. TRAQUINA (2004, p.26)

Assim, sendo o jornalista um ser com poder, ele deve agir de uma forma responsável. Segundo Barbeiro e Lima (2002, p.20) os jornalistas, tais quais profissionais de

outras áreas, devem atuar com base em um código, para que possam ficar compatíveis com os princípios universais da ética, que serviria como uma aplicação individual de valores livremente eleitos por cada profissional em função de uma formalidade estabelecida por cada um sob a acreditação de que ela seria boa e relevante para o exercício de sua função.

Os jornalistas concebem uma deontologia ou conjunto de deveres que regulamentam a prática do jornalismo. Por isso, é necessário fazer uma reflexão de tendência universalizante que se desenvolva ao mesmo tempo numa cultura particular. Os jornalistas elegem um norte que possa guiá-los através de sua frágil independência em suas relações com os diversos poderes, as negligências nas verificações das informações sob a influência conjugada das leis do mercado, da velocidade da informação, da eficiência dos comunicadores. BARBEIRO e LIMA (2002, p.20)

Entretanto, apenas seguir seu norte e informar não seria suficiente para o jornalista. Bucci (2001, apud CALEGARI, 2012) defende que o jornalismo, além do papel de informar, deve surpreender e empolgar seus telespectadores. Assim, o telejornal teria por obrigação prender a atenção de seu público durante a exibição, envolvendo mais entretenimento com uma tendência para a dramatização e ficcionalização. Uma visão pessimista se levarmos em conta que Wolton (1996, apud CALEGARI 2012) defende que o público em geral não é uma massa inanimada e tem suas próprias escolhas, podendo ou não permanecer em um canal durante uma determinada programação. Uma atividade livre que deixa a cargo do público o poder exercido sobre ela, já que, como receptor, tem autonomia para assistir ou não determinada programação televisiva. Como telespectadores livres, livres também se tornam suas escolhas, por isso, a necessidade de se criar uma programação variável que atenda a pluralidade do consumidor final.

O sucesso incontestável da televisão há cinquenta anos exige uma reflexão sobre as razões para tanto entusiasmo. Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social. (WOLTON, 1996, p.65)

De acordo com Calegari (2012) a comunicação através da programação televisiva corre o risco de estar exposta à múltiplas interpretações, variações no nível de entendimento das informações até mesmo na produção de sentido. Assim, Wolton (1996, apud CALEGARI 2012) defende que são esses aspectos que abrigam e legitimam a liberdade de um *mass media*. Uma variação e inconstância que, segundo Bucci (2001, apud CALEGARI, 2012), gerar desconfiança pela falta de controle sob a recepção, o que deixaria os jornalistas a mercê de um veículo ambíguo e perigoso.

Por isso, o trabalho coerente e verdadeiro do jornalista se faz necessário. Por exemplo, Bourdieu (1997) afirma que através da televisão é possível atingir qualquer um, se fazendo necessário o pensamento de como e com o quê queremos atingir as pessoas e o que passar para elas. Se faz necessário também pensar no “como” levar essa informação e a sua relevância. Para isso, alguns obstáculos naturais devem ser vencidos, como a própria censura invisível que determina os assuntos, tempo de duração e até mesmo o que vai ser exibido. Essa censura é diretamente influenciada pelos índices de audiência e a busca incessante para alavancar os números da empresa.

Ou seja, por isso existe todo um trabalho de bastidores que faz com que o telejornalista seja mais do que “um mero trabalhador numa fábrica de notícias” (TRAQUINA, 2004, p.22).

A TV está profundamente mergulhada nas transformações sociais do início do século XXI e ao mesmo tempo em que sofre suas influências, contribui para que elas se processem. A televisão é a janela para o eterno e o presente, registra cenas da história da humanidade imaginadas apenas nos filmes de ficção. (BARBEIRO e LIMA, 2002, p.13)

Além do registro da história, Barbeiro e Lima (2002) ainda defendem que, acima de tudo, a televisão é um importante meio de comunicação indispensável na ligeira e grande transformação pela qual o mundo passa. Ela passou por uma grande adaptação de acordo com a mudança do mundo e deixa aparente toda e qualquer variação de hábito e estilo, evidenciando em seus programas e telejornais.

3 SONORIZAÇÃO – POSSIBILIDADES DE ÁUDIO EM TELEJORNALISMO

A sonorização em telejornalismo, mais concentrada aqui na música, pode ser utilizada nos telejornais em formatos de vinhetas, trilhas-sonoras e sonorização de reportagens além de trilhas sonoras específicas, colocadas no ar em determinados momentos de um programa. Essa última, utilizada com o mesmo objetivo da vinheta: criar uma identidade.

Para Petrini (2004) a vinheta pode ser definida como:

(...) peça de curta metragem, constituída de algum tipo de signo ou representação, composta de elementos imagéticos, sonoro e mensagem de expressão verbal, usada com fim informativo, decorativo, ilustrativo, de remate, de chamada, de passagem, de identificação institucional e de organização do espaço televisivo, etc. PETRINI (2004, p.124 e 125)

Assim, como um telejornal apresenta um fluxo muito grande de informação, Petrini (2004) afirma que a vinheta acaba por organizar o fluxo televisivo, além de criar identidade para quadros e programas. Dentro do jornal ela assume diferentes funções, abrindo e fechando quadros, além de passagens de bloco e no encerramento e, geralmente, funciona como um signo de identificação, vindo acompanhada de uma marca, som ou slogan característico. Funcionando, então, mais do que organizadora do fluxo informacional, mas também como consolidadora de uma imagem organizacional, estética e simbólica.

As trilhas sonoras específicas, geralmente, vêm acompanhadas das vinhetas, porém, podem funcionar como músicas-tema de um determinado quadro/programa, atuando também como consolidadora de identidades. Ainda segundo Petrini (2004), as vinhetas eram produzidas sem aparatos técnicos e tecnológicos suficientes e chegavam a permanecer no ar por mais de 10 minutos, enquanto cenários e outras reportagens eram preparadas para ir ao ar. O *vídeo tape* (VT) mudou essa realidade acelerando o processo de produção e organização dos telejornais e, portanto, diminuindo a duração das vinhetas.

As reportagens televisivas podem também ser musicadas e sonorizadas. Tanto com sons ambientes gravados *in loco* na captação das imagens, quanto por músicas acrescentadas no processo de edição, comumente chamadas de *backgrounds*, ou simplesmente, *BG*, conhecidas também como músicas de fundo.

Rawlings (1968) escreveu sobre música e trilhas-sonoras para cinema, porém, uma passagem de seu livro *Como escolher música para filmes* é também aplicável à televisão.

(...) a verdadeira música de fundo raramente é apreciada pelos espectadores para quem foi criada. *Excepto* nos casos em que a peça de música de fundo se torna um êxito, um "hit" (...) Isso, como é óbvio, é *exactamente* o que se pretende, pois a música de fundo de maior êxito é aquela que não se ouve conscientemente. RAWLINGS (1968, p.16)

A música, portanto, dialoga com o telespectador, mesmo que, em alguns momentos, o receptor não tenha conhecimento real da sincronia e a produção de sentido no casamento entre sons e imagens, o que Rawlings (1968) define como uma movimentação íntima entre ambos, causando um belo resultado estético, ou seja, uma sincronização entre a música e a imagens e/ou sequência de *takes* escolhidos.

3.1 OS SONS

Para Calegari (2012) a sonorização lida diretamente com a memória, já que suas linhas melódicas e harmônicas podem invocar diferentes níveis de sentimento. Isso, pois o cérebro recebe diferentes estímulos de acordo com as notas, tons e ritmos emitidos, o que, por sua vez, corrobora para a criação de diferentes sentidos, mesmo que de forma subjetiva. Na televisão e no cinema – e aqui, focado nas reportagens audiovisuais – os sons possibilitam uma melhor conjugação de efeito e, juntamente com as imagens, promovem uma linha melódica que auxilia na evolução plano a plano das matérias, “configurando um tom único

para a notícia – ou, mais precisamente, para a emoção encontrada na notícia.” (CALEGARI, 2012, p.22)

O som é transmitido através de ondas que estimulam o nervo auditivo e são percebidas pelo córtex cerebral. Almeida (1994) defende que “a voz vibra pelo corpo inteiro. Estamos acostumados a pensar que a voz ‘entra’ só pelo ouvido, que na verdade é somente um condutor privilegiado, já que a voz vibra em todo o corpo de falantes e ouvintes” (ALMEIDA, 1994, p.10). Penafria (2003) discursa de forma semelhante, quando afirma que o som não se dirige somente ao ouvido, mas também ao cérebro e coração, quando estimula percepções e sentimentos no ouvinte. Para Wisnik (1989), essas vibrações são interpretadas pelo cérebro e nos fazem criar uma relação de sentido.

(...) é fundamental pensar aqui nessa espécie de correspondência entre as escalas sonoras e as escalas corporais com as quais medimos o tempo. Porque o complexo corpo/mente é um medidor frequencial de frequências. Toda a nossa relação com os universos sonoros e a música passa por certos padrões de pulsação somáticos e psíquicos, com os quais jogamos, ao ler o tempo e o som. (WISNIK, 1989, p.17)

Calegari (2012) explica que, primeiramente, os sons atingem o tímpano e informações básicas são enviadas ao cérebro, como as características da onda, amplitude, volume, altura, timbre e a localização no espaço. A partir do momento em que o cérebro decodifica as informações, faz, então, o reconhecimento desses sons, transformando-os em imagens mentais do mundo físico. Por fim, as conexões de memórias são feitas, desencadeando um efeito semelhante no cérebro e no corpo para os mesmos sons. Um processo de recebimento e posterior reconhecimento da sonorização.

Para que se possa reconhecer uma forma sonora, é necessário antes lhe ter atribuído um sentido, ter reconhecido que essa forma é relevante. Esse valor de relevância pode ser atribuído de diferentes maneiras: pela repetição reiterada da mesma forma sonora, pelo impacto emocional da situação a qual ela está associada, pelo valor que implica a identificação dessa forma para a sobrevivência do ouvinte, etc. Como consequência dessa experiência, a forma em questão será armazenada em nossa memória como um padrão sonoro. (RODRÍGUEZ, 2006, p.168, *apud* CALEGARI, 2012, p.22)

Assim, devido essa produção de sentido e significação, o uso de sons e músicas empregadas em reportagens deve ser cuidadoso. Bucci (2001, p.145) considera que o uso de trilhas sonoras em reportagens telejornalísticas é dispensável, pois “trata-se de um recurso dramático para dar um colorido extra, artificial, para o que deveria ser um fiel relato dos fatos”, o que aproxima o jornalismo do cinema, transformando-o quase em ficção, inclusive pelo efeito subjetivo que cai sobre o telespectador. Porém, os sons, sobretudo as músicas, podem ser usados com o objetivo de chamar a atenção e, portanto, contribuir para transmissão da informação.

3.2 A MÚSICA

Sá (1999) considera que, quando escutamos uma música, não estamos simplesmente ouvindo a peça e, sim fazemos uma série de associações de sentido, o que o autor denomina de atributo simbólico e que nos remetem a várias instâncias da significação. Assim como Freire (2011) que defende que toda sonorização, sobretudo a música, gera uma nova gama de novas interpretações e produções de sentido do que está sendo noticiado. Isso, pois a música ativa a imaginação do interlocutor, modificando suas primeiras impressões de uma imagem.

Assim, pode-se explorar até mesmo o vínculo emocional com a informação. De posse dessas hipóteses, “os sonoplastas criam constantemente ícones sonoros para os

programas radiofônicos ou de TV, ou seja, ao ouvirmos o produto de seus trabalhos, remetendo-nos diretamente a significados específicos” (SÁ, 199, p.126). O que ressalta ainda mais a importância da trilha sonora.

A sonorização de uma reportagem telejornalística é muito importante para que a informação seja bem transmitida. Não é apenas o texto lido pelo repórter, a passagem e as entrevistas que são importantes para a produção de sentido nas notícias. Além de um áudio de qualidade e com o mínimo de ruídos possível, os elementos sonoros como efeitos, sons ambientes, trilhas, entonações e o próprio silêncio também contribuem para a construção da reportagem. É claro que a informação é mais importante, e o áudio original deve ser utilizado de forma mais fiel possível. (CALEGARI, 2012, p.23)

Sá (1999) afirma ainda que a televisão utiliza um recurso denominado de *leitmotiv* (motivo condutor), que seria uma técnica sutil de alinhar o texto dramático ao musical, criando um recurso que permite ao telespectador acompanhar o contexto além do texto explícito. Com pensamento familiar, Claude (1982) defende que, na televisão, os editores de imagem têm o papel de inserir a música nas reportagens, a partir da necessidade de cada uma, ambientando, familiarizando e até mesmo acompanhando a cena junto com o espectador, o que acentuaria as perspectivas de uma imagem e criando uma ambientação do cenário mostrado. Claude (1982) ainda destaca que as frequências musicais têm funções psicológicas e dramáticas, atuando diretamente nas percepções dos interlocutores, com o objetivo de despertar sua sensibilidade. Assim, na televisão, a música é utilizada por vezes, não com o objetivo de sobressair uma cena, mas sim a emoção vivida por seus personagens, destacando aspectos extras, além do que foi mostrado no diálogo.

Calegari (2012) ainda destaca que nem todos os telespectadores vão ter o mesmo entendimento, já que a música cria uma realidade subjetiva. Por isso os sons atuam no telejornalismo como um complemento das imagens, trazendo mais significados e criando, no cérebro, imagens sonoras.

Podemos dizer que é possível ouvir uma imagem e ver um som. Ou dito de outro modo, “mudas são as tecnologias não o cinema”. No “cinema sonoro” vê-se mais, porque o som sugere imagens e no “cinema mudo” ouve-se mais, porque as imagens sugerem sons. (PENAFRIA, 2003, p.4, apud CALEGARI, 2012, p.23)

A interpretação da música empregada nas reportagens, portanto, vai variar de acordo com a visão de mundo de cada telespectador. Assim, é ele quem detém o poder nas mãos, pois irá criar diferentes significados, construindo um sentido único e particular para a mensagem pensada e passada pelo jornalista.

4 ESTUDO DE CASO

A partir de agora vamos entrar de fato no *corpus* desta pesquisa. Fizemos um breve histórico dos dois formatos analisados, o Jornal Nacional e o Esporte Espetacular. Também procuramos saber de que maneira a sonorização empregada em cada um interfere em como o telespectador absorve o conteúdo passado. Temos ainda a presença de um grupo focal, onde buscamos aplicar as teorias obtidas com as análises na prática e como o público reage a diferentes formatos passados em pouco intervalo de tempo.

4.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

O *Jornal Nacional* teve sua estreia em 1º de setembro de 1969 e era chefiado pelos jornalistas Armando Nogueira e Alice-Maria. Vera Íris Paternostro pontua que esse foi o primeiro jornal em rede nacional do país, “gerado no Rio de Janeiro, sede da TV Globo, para suas emissoras em várias partes do país, ao vivo, por um sistema da Embratel que associava a emissão por micro-ondas e por satélite” PATERNOSTRO (2006).

O estilo de linguagem foi baseado em telejornais dos Estados Unidos e, com a chegada de novas tecnologias e com a modificação da linha editorial, vem mantendo a liderança de audiência até os dias de hoje. De acordo com uma informação da orelha do livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* (2004):

Há 35 anos, todas as noites, sete em cada 10 aparelhos de televisão ligados sintonizam o Jornal Nacional da TV Globo. Este é um fenômeno raro – senão o único em termos mundiais – tanto pela longevidade do programa como pela permanente liderança de audiência. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Porém, desde a estreia, o telejornal enfrentou alguns problemas, principalmente com a ditadura militar. *No livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* (2004)*, é narrado que, já na estreia, o noticiário foi censurado, já que a notícia do derrame do presidente Costa e Silva precisou ser negociada com o governo militar que não queria a divulgação do fato. O que restou para a equipe de jornalismo foi a divulgação de uma nota oficial, uma vez que no Palácio das Laranjeiras, onde o presidente estava hospedado, era proibido fotografar e fazer filmagens ou gravações.

Desde o fim da ditadura, o noticiário começou a passar por gradativas mudanças, como troca de cenário, a volta de Sérgio Chapelin – que retomava a apresentação das notícias ao lado de Cid Moreira –, a criação de selos para quadros e assuntos definidos, além da maior abertura política, o que contribuía para a mudança até mesmo no trabalho da sucursal de Brasília, que, agora, podia começar a cobrir os assuntos de governo com mais liberdade. Assim, entre coberturas de alcance nacional e até internacional e muitas mudanças ao longo dos anos, o *Jornal Nacional* chega até os dias atuais como nós o conhecemos, continuando como líder absoluto de audiência, da segunda-feira até sábado, em todo o país. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

Já o *Esporte Espetacular* é um dos programas mais antigos da grade da TV Globo. “Exibido desde dezembro de 1973, no início com imagens e competições recebidas da rede de televisão norte-americana BBC, aos poucos foi ‘tornando-se brasileiro’, com temas e notícias locais.” (CALEGARI, 2012)

O programa parou de ser exibido em abril de 1983 – logo depois de passar por uma fase de valorização do esporte nacional e transmissões ao vivo – e voltou para a grade de programação da emissora em março de 1987, nas noites de domingo.

Para o novo Esporte Espetacular, a Globo criou o que seria chamado de Ação Integrada: um espaço dentro do programa destinado a eventos promocionais esportivos que recebiam um tratamento jornalístico. Desta forma, os anunciantes associavam sua marca a uma ação esportiva que, através da televisão, alcançava abrangência nacional. Durante um período, o programa ficou caracterizado por essa Ação Integrada, através de chamadas na programação, vinhetas com a inserção da logomarca do patrocinador e a cobertura jornalística do evento. (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

A partir de então, os blocos que eram compostos de apenas um ou dois esportes, passaram a abrigar uma gama maior de atividades que atraíram cada vez mais telespectadores. Em abril de 1991, o semanal mudou mais uma vez de dia e horário de exibição, passou a aparecer na televisão nas tardes de sábado. O Esporte Espetacular continuou aos sábados até o ano de 1996, quando ocupou seu horário atual, as manhãs de domingo. (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

Atualmente o semanal também não tem uma duração definida, pois depende das atrações do dia. Em domingos em que há uma transmissão esportiva ao vivo, como uma final de Superliga de Vôlei, o programa pode ter apenas trinta minutos de produção de matérias. Em dias sem transmissão, o noticiário esportivo chega a ter quase duas horas de duração. Os assuntos são os mais variados, mas o futebol é presença certa todas as semanas.

4.2 METODOLOGIA

Foram assistidos para essa análise um mês de semanais do Esporte Espetacular, totalizando quatro edições e 58 reportagens, exibidas do dia 01 ao dia 22 de dezembro de 2013. As amostras do Jornal Nacional foram colhidas em uma semana, dos dias 16/12 a 21/12/2013, seis edições e 88 matérias.

Como supomos que a música é uma formadora de sentidos, quando empregadas em reportagens e em casamento com imagens, partimos do pressuposto de que não precisamos de uma amostra muito grande para a análise e percepção de um padrão de

utilização de trilhas sonoras nos noticiários e como músicas e sons são empregados em cada caso.

Nessas análises foi observado como a trilha sonora foi empregada e com qual objetivo, buscando assim, criar uma interpretação subjetiva do interdiscurso, que para Orlandi (2005) pode ser entendido como um conjunto de formulações que já foram definidas, porém, esquecidas, e que ajudam na produção de sentido do que dizemos. Ou seja, aquilo que não é dito explicitamente, mas tem profunda relação com conceitos históricos e vivências de mundo, que variam, portanto, de pessoa para pessoa.

Também foi realizado um grupo focal para analisar as percepções dos telespectadores. Gatti (2005) relata que a técnica é realizada há mais de 100 anos, antes, como ferramenta de pesquisas de marketing e a autora também considera o método eficaz para o levantamento de dados e investigações, sobretudo nas áreas de ciências humanas e sociais, desde a escolha pelo seu uso seja coerente e adequada ao objeto de pesquisa.

Gatti (2005) ainda ressalta que o grupo focal pode buscar aperfeiçoamento e até mesmo aprofundar a compreensão de um determinado assunto, até mesmo com o auxílio de dados obtidos por outros métodos científicos. Com outros instrumentos, ele pode ainda orientar pesquisas futuras em larga escala, por ser uma técnica de levantamento de dados eficientes, que possibilita monitorar expressões, linguagem e opiniões, que podem ser úteis para pesquisas posteriores. Além disso, é possível estabelecer uma relação entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem normalmente.

Segundo Morgan e Krueger (1993), a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir de trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, entrevista ou questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar. (GATTI, 2005, p.9)

A autora, entretanto, comenta que o grupo focal deve ser utilizado com cautela. Gatti (2005) explica que os participantes estão em um local neutro, num contexto específico e estabelecendo relações que não são próprias daquele grupo, portanto, o resultado não deve ser interpretado como definitivo.

4.3 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS

De posse das análises de 146 reportagens exibidas nos dois noticiários escolhidos como objetos de estudo, Jornal Nacional (JN) e Esporte Espetacular (EE), grandes diferenças podem ser notadas entre os dois formatos. A mais clara delas quanto à linguagem – a empregada no jornal diário é mais séria, concisa e objetiva, enquanto a do semanal é mais leve, permitindo a presença de brincadeiras entre repórteres, fontes e até mesmo entre os apresentadores do show. A duração também é um fator de grande diferenciação, já que o diário tem cerca de uma hora na programação, enquanto o esportivo pode chegar até duas horas de exibição.

Quanto à presença de trilha sonora nas produções, a diferença se torna ainda mais evidente. Em 58 reportagens exibidas no Esporte Espetacular, apenas uma delas não apresentou a utilização de trilha sonora. Em números, 99% dos *vídeos-tapes* (VT) exibidos foram acompanhados de, pelo menos, uma música inserida no processo de edição. E, neste caso isolado, a reportagem ainda apresentou um fator que justifica tal ausência: é uma produção de *hard-news*, ou seja, não pertencia à editoria esportiva. A matéria *Acidente deixa 14 mortos* (Apêndice 4) mostra um factual acontecido em São Paulo e, devido a sua relevância e a falta de telejornais na hora do almoço, constantes de segunda a sábado, foi inserida no noticiário esportivo. A única produção sem trilha sonora nas quatro edições analisadas.

Já o Jornal Nacional apresentou um número inversamente proporcional. Em 88 produções, apenas três apresentaram trilha sonora, ou seja, 97% das matérias do telejornal diário aparecem desacompanhadas de músicas inseridas no processo de edição. Além disso, as três reportagens que contêm sonorização pertencem à editoria de comportamento. Nenhuma outra editoria do noticiário apresentou a utilização de trilha sonora, nem mesmo as de esporte. A utilização de sons se deu apenas com áudio ambiente e vídeos de flagrantes.

Outra diferença é a maneira como notas secas, *locoffs* e notas cobertas são divulgadas nos dois noticiários. No JN, não houve nenhum caso em que elas vieram acompanhadas de trilhas sonoras. Entretanto, no EE, todas as vezes que um destes itens apareceu, veio acompanhado de, pelo menos, uma música.

No Jornal Nacional as “cabeças”, texto lido pelos apresentadores antes da entrada de uma reportagem, não são acompanhadas de trilhas sonoras, em nenhum caso. Em contrapartida, no Esporte Espetacular, praticamente todas as “cabeças” foram musicadas, com exceção de uma reportagem, factual, que apresentava a ocorrência de um acidente.

Mas nem só diferenças foram notadas nos dois formatos analisados. Em ambos, há uma maciça utilização do áudio 2 – som ambiente captado pela câmera no momento da captação de imagens. No JN, até mesmo os *locoffs* e notas cobertas possuem os sons durante a exibição de imagens. Porém, eles só são notados quando as imagens foram captadas exclusivamente para o VT em questão. Quando material de arquivo é utilizado, ele não apresenta a sonorização ambiente. Artes, gráficos e destaques de documentos e fotos, como não possuem sonorização, por serem feitos no computador, também não apresentam ruídos. Esse fenômeno é notado em todas as editorias, até mesmo na de comportamento, que teve algumas produções acompanhadas de trilha sonora.

O áudio 2 é utilizado em consonância com as trilhas sonoras no EE. Ele está presente em toda a produção e vem acompanhado da música inserida pelos editores de

imagem. Em alguns momentos, como na reportagem *Flamengo Campeão Copa do Brasil* (Apêndice 1), o som ambiente já é empregado com o indício de que será importante, uma vez que a trilha que acompanha a locução do repórter está mais baixa do que o canto da torcida. E como já se esperava, um sobe som de 10 segundos com imagens da torcida e o som deles cantando uma música de comemoração é mostrado.

Essas diferenças e semelhanças entre os dois formatos possibilitam uma comunicação e uma relação no uso de trilha sonora. A análise detectou uma linearidade no emprego de músicas, sons ambientes, vídeos produzidos por outras mídias e/ou pessoas fora da equipe de reportagem. Tudo isso contribuindo para a produção das reportagens.

No Jornal Nacional, a editoria policial apresenta um maior emprego de sons. Nelas, o áudio 2 e sobe sons de vídeos enviados pela polícia ou populares são usados com mais frequência. De nove produções da editoria, sete tiveram a presença do recurso, um total de 77% das amostras coletadas. Na reportagem *Fraudes Provas Enem* (Apêndice 8), o método foi utilizado como forma de exemplificar o caso citado. Nela, por duas vezes, o um sobe som com a gravação de áudio feita pela polícia foi utilizado, demonstrando assim que o golpe existia e como a negociação era feita. Já na reportagem *Morte Servente de Pedreiro* (Apêndice 5), o vídeo gravado por um morador vizinho ao local do crime é usado. O sobe som demonstra o momento do tiro e também a vítima que implorava para ficar vivo.

O repórter segue em *off* sem trilha: “Mas um vídeo divulgado pelo Fantástico, revelou que Paulo, ainda vivo, foi cercado, agredido pelos policiais e implorou para ser solto.” A partir desse momento, ocorre um sobe som com o áudio desse vídeo amador. “Ô senhor, pelo amor de Deus! Eu não tenho nada ver com isso não senhor!”

Mais um *off* se segue “Logo depois um policial ergue os braços, em posição de tiro. No vídeo, houve-se apenas um barulho.” E mais um sobe som aparece, dessa vez, apenas com o estampido de um tiro. (Apêndice 5)

No segundo caso, o som foi utilizado com o efeito de deixar clara a veracidade das informações passadas. Além disso, ele mostra o fato no momento em que estava acontecendo, ou seja, a realidade, premissa de um telejornal diário. A voz da vítima implorando pela vida e som do tiro também são fortes e até mesmo podem chocar o telespectador. Causa indignação.

O áudio 2 também ajuda ao telespectador se localizar na imagem. Em vários VTs de chuva, onde imagens foram feitas de helicópteros, é possível ouvir o barulho das hélices da aeronave, assim como em flagrantes policiais, o barulho de uma freada de última hora para fugir do radar. Tudo isso ajuda a situar quem assiste ao noticiário, de onde aquelas imagens vieram e como foram feitas. Com isso, o telespectador se coloca no local e no momento que as imagens foram captadas.

As reportagens musicadas são raras no Jornal Nacional, porém a previsão do tempo, que é fixa no noticiário, é totalmente acompanhada de trilha sonora. Em todas as seis amostras analisadas, a música de fundo, o chamado background (BG), esteve presente.

As chamadas de outros programas da rede também apresentam trilha sonora. No *Chama Fantástico* (Apêndice 10) e no *Chama Profissão Repórter* (Apêndice 6) podemos perceber a presença constante de músicas durante toda a duração. No caso do *Profissão Repórter*, a vinheta do semanal é também usada na trilha da chamada, uma maneira de criar uma identidade, assim como no *Chama Esporte Espetacular* (Apêndice 10) que também utiliza o tradicional “pá pá pá pá...” como trilha de fundo para as principais atrações. Além da identidade e da diferenciação – a trilha mostrando que são shows diferentes – tem também a questão da dinamicidade das entradas, para não cansar o telespectador.

Nas três ocorrências de trilha sonora no JN foram reportagens de comportamento. *Perfil Casais* (Apêndice 9), *Morre Reginaldo Rossi* (Apêndice 9) e *Refaz Bye Bye Brasil* (Apêndice 10) apresentaram momentos rápidos de aparição de música, exceto a última, em

que um vídeo exclusivo para o Portal G1 foi feito e quase todo foi musicado. Na primeira ocorrência, percebemos a marcha nupcial logo no início do VT, o que possibilita uma contextualização do tema. No segundo caso, a música se fez necessária, já que era impossível não ter a presença de trilha em uma reportagem sobre um cantor que morreu. Assim, pedaços de shows e fragmentos de músicas de Reginaldo Rossi foram usados durante a reportagem. O único momento em que a matéria ficou sem trilha foi no início, quando o factual era apresentado – motivo da morte, horário e informações do enterro. Já, no terceiro caso, a música foi usada como um elemento de complementação. Mudava conforme a fala do repórter e, isso, dava atmosferas diferentes para a reportagem, como transição de cenas do filme para as imagens do mesmo local nos dias atuais, pontuadas com trocas da trilha sonora. Isso ajuda o telespectador a se situar nas informações passadas, além de exemplificar, com imagens da peça original.

No Esporte Espetacular, o áudio 2 é usado também no complemento da informação passada para o telespectador. Na matéria *Tite se despede Pacaembu* (Apêndice 1) o som ambiente captado durante a gravação da reportagem é usado para complementar a informação passada em off pelo repórter. Isso permite que uma espécie de justificativa, para o que jornalista está narrando, apareça. Também mostra que o VT foi gravado em um estádio. Além de humanizar. Mostra o carinho de centenas de torcedores com um treinador que marcou a história da equipe. Possibilitou ainda a criação de significado e cenário para a reportagem, afinal, o som da torcida, por exemplo, é o que dita o clima do jogo.

Durante o off, foi ouvido o som da torcida e, quando Mauro Naves narra: “eles não foram lá só para torcer para seu time de coração, foram lá para agradecer”, entra o sobe som de uma torcedora dizendo “Muito obrigada!”. Mais um off se segue, “a noite se tornou completamente especial para Adenor Leonardo Bacchi, o Tite”, durante uma imagem do treinador acenando para torcida, seguido de um sobe som com as centenas de vozes cantando: “olê, olê olê... Titeee, titee”, em 5”. (Apêndice 1)

Tal recurso é utilizado também no Jornal Nacional, em menor escala. Na reportagem *Robô posa Lua* (Apêndice 5) existe um sobe som do áudio de um lançamento de um foguete, entre *offs* do repórter. Mas o recurso do sobe som ambiente só é usado em situações que peçam. Por exemplo, em uma reportagem sobre TV Digital, não foi usado nenhum som da televisão, pois não caberia naquele momento. Já no esporte, apesar das reportagens esportivas veiculadas pelo diário não apresentarem trilha sonora, a presença dos sobe sons com narrações dos jogos e cantos da torcida é mais constante. Na matéria *Atlético-MG Terceiro Colocado* (Apêndice 10) o sobe som com o pedido dos torcedores “Fica Ronaldinho!” é exibido, ao final da matéria. Além disso, segundo Giorgetti (2008) esses sons como apito do árbitro, o chute na bola, o barulho de ataque no voleibol ou de um grito em uma luta ajudam a aproximar o telespectador do ambiente da competição, já que os sons possuem um sentido com significação pré-definida, por isso é sempre usado, em menor escala no JN, mas em maior número no noticiário esportivo de domingo. É como se, ao ouvir a torcida comemorando um gol de um determinado jogo, o telespectador sentisse vontade de comemorar aquele mesmo gol novamente.

Um pouco da influência do telejornal diário é sentida no semanal. No EE, a matéria *Situação Estádios Copa* (Apêndice 5) está ligada tanto ao esporte quanto a outras editorias, como Geral, Economia e Internacional. A reportagem é toda acompanhada de trilha sonora que pontua a fala do repórter, mostra mudança de cenários e a música também muda de acordo com qual arena é mostrada. Porém, não tem clipes, nem sobe sons. É a situação mostrada pura e simplesmente. Se não fossem inseridas trilhas sonoras durante a edição, a duração, locução e formato da reportagem poderia passar como se fosse uma exibida no Jornal Nacional.

Há também no Esporte Espetacular a utilização de narrações de jogos passados, corridas e outros para ajudar a pontuar o que o repórter ou a fonte diz, além de mostrar que

aquela declaração é verídica. Na reportagem *Irmãos disputam posição de goleiro no Internacional* (Apêndice 1) temos a um sobe som de uma narração de um jogo do Inter. Isso vem após um dos irmãos, Muriel, dizer que já está há mais de 13 anos no clube.

(...) Muriel, diz “eu já ‘tô’ no Inter já há 13 anos, né. Em 2000 eu entrei com 13 anos. E subi para profissional em 2007”. Após a fala do goleiro, mais um sobe som que dessa vez dialoga com a fala com entrevistado. Nesse clipe, uma narração mostra um prêmio recebido pelo Muriel com a seguinte narração: “aí a gente ‘tá’ vendo a imagem do Muriel recebendo uma placa pelos 150 jogos que ele completa hoje como goleiro do Internacional”. Um diálogo entre sonora e o sobe som de sete segundos. (Apêndice 1)

A música no Esporte Espetacular também ajuda a contar uma história. Nas reportagens *Giovane dos Santos* (Apêndice 1) e *Garoto Conquista Sonho* (Apêndice 4) a trilha sonora foi empregada com o objetivo de criar uma atmosfera mais dramática para a matéria. De tentar aproximar a história do telespectador e tocá-lo com a vida dos personagens. No primeiro caso um homem que passou por várias dificuldades antes de conseguir se tornar um atleta profissional e ganhar títulos, já, no segundo caso, a realização de um garotinho que tem uma doença grave e que viveu um dia de jogador profissional no time do coração. Essas histórias de superação e carinho, quando acompanhadas de uma trilha que indique mais drama, vitória e conquistas pode até mesmo fazer o telespectador chorar com mais facilidade, pois a música por si só é signo e, dependendo da relação que se estabeleceu com quem assiste a reportagem, pode tocar mais ou menos.

Nessa mesma linha, a utilização de sons cria tensão em alguns pontos da reportagem no EE. Como, por exemplo, na *Entrevista Exclusiva Spider* (Apêndice 10). A matéria segue o esquema de entrevistas mesmo, perguntas e respostas, tendo a aparição de somente dois offs. Apesar disso, a trilha sonora esteve presente em toda a duração e ia mudando de acordo com a resposta do lutador Anderson Silva. O tema da fala do campeão é o

que ditava a música empregada que, por sua vez, pontuava o que ele dizia, criando mais ou menos drama, tensão e até mesmo um clima de brincadeiras.

Por exemplo, quando ele respondeu sobre o que aconteceu após a derrota para Weidman, a música criou uma atmosfera de tensão e suspense, dando um drama a mais para a resposta, ao contrário de quando o Anderson respondeu que a luta do século seria entre ele [Spider] e seu clone. Nessa parte a música ficou mais alegre, o que ressaltou a jocosidade da informação. (Apêndice 10)

Muitas vezes a música é usada também como o elemento que vai ditar um ritmo para a reportagem. Mais acelerada ou mais lenta, pontua a fala do repórter. Casa com imagens, a trilha mais agitada é quase sempre acompanhada de *takes* rápidos de imagens, enquanto as mais lentas, com *takes* mais longos. Nesses casos, a música pode ser usada apenas com esse objetivo. Na reportagem *Luigi Cani* (Apêndice 1), por exemplo, um clipe de 45 segundos é usado em parceria com uma música mais tranquila. As imagens usadas são de paisagens e capturas aéreas, poéticas, cenários maravilhosos que são apreciados sem pressa, pois a música não passa agitação e a duração das sequências é suficiente para a apreciação.

Uma característica observada nas análises do Esporte Espetacular é que, em nenhum caso, a mesma música foi utilizada duas vezes dentro de uma reportagem. Por exemplo, na matéria *Conquista Fluminense Campeão* (Apêndice 1), foram mais de dois minutos destinados a clipes de imagens e sobre sons. Ao longo do VT foram empregadas 33 músicas no total e nenhuma delas apareceu mais de uma vez. Um mecanismo utilizado para evitar que o telespectador ache que a mesma música utilizada por estar se referindo ao mesmo assunto.

Outra particularidade é que as músicas, em geral, são utilizadas apenas com a parte instrumental. Na maioria das amostras a parte cantada da trilha fica de fora da reportagem, pois pode entrar em atrito com a fala do repórter. Nas vezes que ela foi usada,

como na reportagem *México Enfrenta Brasil* (Apêndice 4) em que foram empregadas músicas latinas, as letras apareceram em momento diferentes dos da locução do repórter.

Por falar em músicas latinas empregadas em um VT sobre o México, a trilha sonora também exerce esse papel de localização geográfica, uma vez que, uma matéria feita no Nordeste do Brasil, por exemplo, apresenta em muitos casos o frevo, axé e forró como sonorização.

Também foi notada a mudança de trilha sonora e de identidade visual do Esporte Espetacular exibido no dia 08/12/2013 (Apêndice 2). O programa foi comemorativo de 40 anos do show, contou com a participação de apresentadores antigos da atração e teve sua trilha sonora original remodelada. O tradicional “pá pá pá pá...” continua sendo empregado e foi até tema de uma reportagem especial com atletas olímpicos. Mas a vinheta de abertura teve sua identidade trocada e música passou por uma remodelada digital, mesmo que ainda tenha continuado a mesma trilha de antes.

Voltando a falar das semelhanças, vale ainda destacar a presença de trilha sonora durante as escaladas, porém com algumas particularidades. No JN é a vinheta de abertura que segue durante toda a chamada das principais atrações do noticiário. Já, no EE, o BG de cada tema chamado muda de acordo com o assunto. Quando é algo mais alegre, temos uma música que corresponda a isto. Do contrário, temos músicas que deixam a atmosfera mais tensa, mostrando que o debate vai ser mais delicado ou é uma matéria que vai receber uma dramaticidade maior.

4.4 – PERCEPÇÃO DO TELESPECTADOR

O Grupo Focal foi realizado na quarta-feira, dia 22 de janeiro de 2014, na sala 2 da Faculdade de Comunicação da UFJF. Inicialmente foram 10 convidados de idades e

profissões variadas. Porém, desse total, cinco pessoas não compareceram ao grupo. Para suprir a demanda, algumas pessoas que estavam na universidade foram convidadas a participar, totalizando nove participantes, o que nos deixou com a seguinte composição:

Participante 1 – I, estudante, adolescente do sexo masculino.

Participante 2 – L, estudante, solteira.

Participante 3 – M, universitário, solteiro.

Participante 4 – C, universitária, solteira.

Participante 5 – L, universitária, casada.

Participante 6 – R, jornalista, solteira.

Participante 7 – L, advogado, solteiro.

Participante 8 – G, servidor público, casado.

Participante 9 – W, auxiliar de serviços gerais, solteiro.

Para que os participantes pudessem discutir sobre o tema, que não foi passado para eles antes do debate, foram exibidas três reportagens. *Ricardo Maurício* (Apêndice 4), *Olimpíada de Matemática* (Apêndice 5) e *Morte Servente de Pedreiro* (Apêndice 5). Toda a reunião foi gravada com uma câmera de vídeo, para que facilitasse o processo de documentação e transcrição.

Durante a exibição das matérias o **participante 8** demonstrou desconforto em alguns momentos da reportagem 3. Ele fez caretas em alguns momentos da reportagem e, em outros, se endireitou na cadeira. A **participante 2**, por alguns momentos da reportagem 2, ficou mexendo no celular e não prestou atenção no que estava sendo exibido. O **participante 9** ficou o tempo todo com um olhar intrigado para os VT apresentados, enquanto o **participante 7** fez algumas anotações ao longo da exibição. O restante dos presentes na sala não se manifestou durante a mostra das matérias.

Após o final da exibição das reportagens os envolvidos foram incentivados a debater sobre as diferenças que eles perceberam entre os VTs apresentados. A **participante 5** disse que a principal diferença notada foi quanto ao foco do público, já que o Jornal Nacional é mais tarde e o Esporte Espetacular exibido mais cedo. Ela ainda destacou que o JN dá notícias mais sérias, enquanto o EE é mais leve, pois as pessoas não querem ver notícias graves no horário em que ele é exibido. O **participante 7** ponderou que a duração das reportagens tem uma grande diferença de tempo, já que a esportiva foi maior do que as outras. A **participante 4** atentou para os recursos utilizados nas reportagens, uma vez que na esportiva o jogo de câmeras foi maior do que nas outras duas. E entre as matérias do JN ela ainda ressaltou mais uma diferença: a presença de uma narrativa na *Olimpíada de Matemática*, enquanto na terceira havia apenas informação passada.

A **participante 6** relatou que a reportagem esportiva utiliza mais recursos, como trilhas sonoras, imagens de arquivo e fotos, ausentes nas matérias diárias do Jornal Nacional. O que fez o **participante 9** se manifestar. Ele explicou que o primeiro VT mostrava “o lado bom da vida”, enquanto o segundo e o terceiro, “a realidade do povo brasileiro”, que muitas vezes não tem a trilha sonora da vitória de Ayrton Senna. Para ele, “no Esporte Espetacular veio o prazer de andar de kart e eu conheço muitas pessoas que não teriam essa condição.” (Anexos)

Ainda sobre as diferenças, o **participante 3** observou que, mesmo não tendo música, a reportagem *Olimpíada de Matemática* é mais leve do que a *Morte Servente de Pedreiro*, o que possibilitou que a repórter contasse uma história e não apenas apresentasse o fato em si. Ao final da primeira parte dessa discussão o **participante 8** pediu a palavra e disse que, pensando no que disse o participante 9, ele percebeu que as reportagens foram construídas sobre a ótica do merecimento, ou seja, o que teria feito Ricardo Maurício para merecer ser o campeão? O que as crianças de Dores do Turvo fazem para merecerem ganhar a

Olimpíada de Matemática? E o que teria feito o servente de pedreiro para merecer morrer? Ele ainda sentiu falta de informações na reportagem 2, como quantos alunos estudam na escola citada e quantas escolas existem na cidade.

Em um segundo momento os convidados foram chamados a debater sobre o uso de trilha sonora nas reportagens. A **participante 6** disse empolgada que a música pode ter dois lados quando empregadas em reportagens.

(...) há muita diferença, já que na matéria do Esporte Espetacular eles colocam músicas ‘pra cima’ nas horas de conquista; aqueles sons do Ayrton Senna ganhando a fórmula 1... Tudo isso remete a emoções e faz a gente lembrar e até ficar ‘pra cima’ com a reportagem. Nas outras duas eu não ouvi música, talvez até para não desviar o foco do assunto, já que a música pode também tomar esse papel, mas também pode prender. Eu por exemplo, quando ouvi a música, pensei ‘nossa, eu adoro essa música’, poderia ter perdido o foco e começado a cantar ou então estar distraída e olhar para a TV. Tem dois lados. Mas na reportagem da *Olimpíada de Matemática* poderia ter uma música, ali caberia. (Anexos)

O **participante 9** discordou e disse que uma música usada na matéria poderia dispersar atenção, já que a reportagem trata apenas de uma cidade de Minas Gerais. Assim, com trilha sonora, moradores de outras regiões poderiam não se interessar, já “que não é da área deles”. O participante ainda opinou que não cabem músicas no Jornal Nacional para não desviar o foco, enquanto no Esporte Espetacular elas acabam convidando o telespectador a assistir. A **participante 2** e o **participante 1** concordaram ainda que o próprio formato propicia isso, ainda mais porque o Jornal Nacional é mais sério e só passa a notícia. Eles ainda falaram sobre o uso de sobe som na matéria *Servente de Pedreiro*. Nela, há o emprego de uma parte de um vídeo amador, que mostra a vítima implorando pela vida e o barulho de um tiro. A **participante 2** disse que o uso de tal recurso choca, pois parece que você está vivenciando o fato. O **participante 1** concordou que a cena é forte, mas disse que “não é sempre que temos a oportunidade de ver uma cena dessas. Tem que colocar mesmo, porque choca”.

A **participante 4** ainda destacou que esse uso ou a ausência dele dizem muito. É como se colocassem apenas o silêncio, já que a maneira como fosse empregado poderia indicar, apenas pela ausência de som, a morte. Ela ainda afirmou que a trilha sonora e os sons sugerem muito, em qualquer situação. Sobre essa sugestão, o **participante 3** disse ainda que se trata de uma crença do povo brasileiro, o “ver para crer” e que o recurso foi utilizado para provar o que o repórter estava falando.

Todo debate sobre o emprego de trilhas sonoras fez com que o **participante 9** se lembrasse de uma fala que um professor dele narrava em sala de aula.

“Ele dizia que não são os nossos olhos o portal da nossa imaginação e, sim, os nossos ouvidos, porque a partir do momento em que você escuta um som, sua cabeça viaja até você conseguir focar no que aconteceu, então, por isso eu acho que eles colocaram o som que está no ambiente. Porque é igual escutar um passarinho, você imagina ele cantando, ou quando escuta um desenho do Pica-pau, você vai imaginar o pica-pau, o personagem. Ou seja, quando você escuta um tiro e um cara implorando pela própria vida, isso te impacta muito mais pois, mesmo se não tiver a imagem clara, você imagina o que aconteceu. Se coloca no lugar” (Anexos)

Questionados se a falta de música no Jornal Nacional é prejudicial, o **participante 8** disse que não sente falta, uma vez que poderia servir como um elemento de distração. Opinião parecida com a da **participante 2** que disse se distrair muito fácil e, se uma música que ela gosta fosse empregada, poderia sair dançando e cantando pela casa e esquecer a informação passada. A **participante 4** ainda disse que seria incoerente e até antiético o emprego de trilha sonora em uma matéria policial, por exemplo. Além de concordar com ela, o **participante 3** ainda acrescentou que, por outro lado, a música é indispensável nas reportagens do Esporte Espetacular, uma vez que elas ajudam a guiar a reportagem. Ele citou o exemplo de uma brincadeira feita na reportagem e que, no exato momento, a trilha mudou, deixando a atmosfera mais leve e mostrando que aquilo não era uma verdade irrefutável.

Os participantes ainda concordaram que existem programas de notícias diárias e que são musicados, porém, eles caem na questão do sensacionalismo, de mostrar e dramatizar as tragédias, de uma forma exagerada.

Ainda sobre a interferência da música no entendimento da informação a **participante 4** disse que a música, por si só, passa informações. Com essa gancho, a **participante 6** ainda emendou que, por isso, o uso de sons deve ser feito com muita cautela, para que não haja ruídos no entendimento do público. Os participantes 3 e 8 ainda discordaram em um aspecto – o da atração e dispersão da música. Para o **participante 3** a trilha sonora te prende e te chama para a reportagem, uma vez que você pode estar passando, escutar a música e ficar para assistir a reportagem. Já o **participante 8** sugere que, você pode estar assistindo a uma matéria e, quando toca a música, de dispersar, pensando onde ouviu tal música, quem é o cantor ou até mesmo começar a cantar. Sobre essa discussão a **participante 2** alegou que se interessa muito mais por VTs com trilha sonora, pois alguns são tão bem casados que “dão até vontade de chorar”. A **participante 5** ainda completou dizendo que a música mexe com nossas emoções e por isso sempre interfere na informação que está sendo passada.

Na parte final do grupo focal os convidados ainda foram chamados para comentar a respeito das vinhetas dos telejornais. Como respostas, todos foram unânimes em lembrar de uma peça que não foi mostrada na exibição: a do Plantão da Globo. Os participantes concordaram ainda que só de ouvir a vinheta já vem a primeira pergunta “quem morreu?” e todos correm para a frente da TV com o objetivo de saber o que aconteceu.

A **participante 2** confessou que todo o programa deveria ter vinheta, uma vez que as pessoas reconhecem o “show” por aquele som. O **participante 1** concordou e ainda revelou que algumas vinhetas ficam gravadas em nossas memórias afetivas, tanto que só de ouvir a trilha sonora, nós já nos lembramos de qual programa é. Já o **participante 7** relatou

que a abertura do Jornal Nacional é um dos primeiros sons que guardou como referência de vida, pois ele sempre soube o que era, desde pequeno.

Outros dois convidados destacaram o aspecto funcional da vinheta. O **participante 9** lembrou que, se alguém estiver na rua sem relógio, passar perto de uma casa e escutar a abertura do JN, vai poder se situar no tempo e saber que, aproximadamente, o horário gira em torno de 8h30m e nove horas da noite. Aí fica sabendo se está atrasado ou não para um determinado compromisso. Já o **participante 8** destacou que muitas pessoas deixam a televisão ligada e vão fazer outras atividades, portanto, é a vinheta que as situa no tempo e mostra que determinado programa já começou ou voltou dos comerciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trilhas sonoras, sons ambientes e ruídos empregados nas reportagens se mostraram excelentes recursos de edição de matérias, em ambos os formatos analisados, mesmo que de formas diferentes, Jornal Nacional e Esporte Espetacular empregam a sonorização como um mecanismo que influencia no modo de passar e até mesmo de compreender a informação.

No noticiário esportivo, as trilhas e recursos sonoros apareceram como elementos indispensáveis para a passagem de informações, uma vez que foram usados na grande maioria das reportagens e sempre com grande variedade de elementos. As músicas foram usadas com o objetivo de enriquecer o conjunto da obra, seja na estética e/ou mesmo na pluralidade de sentimentos provocados, já que uma mesma trilha pode provocar diferentes emoções em cada pessoa, visto que elas são entendidas conforme avaliação subjetiva de cada um.

Através das análises do esportivo ainda pudemos perceber que o jornalismo trabalhado de forma mais artística, chegando a se confundir com entretenimento, é abraçado pela equipe do semanal, uma vez que as reportagens são mais trabalhadas conforme uma maneira de passar uma informação através da emoção, tendo a música como um elemento construtor dessa maneira de comunicar. Busca-se, portanto, uma comunicação com o telespectador e, através dos recursos sonoros, a criação de uma atração diferenciada a cada programa e, inclusive, em cada matéria, já que a sonorização empregada muda a percepção e até mesmo o foco da informação que se passa. Uma artimanha para deixar a notícia mais atrativa, porém, sem abandonar a objetividade – a reportagem é mais longa, porém, cumpre o papel de informar quem assiste.

Outra característica observada no Esporte Espetacular é que as matérias sempre trabalham em cima da emoção dos acontecimentos. A informação de uma partida, parece,

ficar em segundo plano. Mas só aparenta. Ela é o foco das crônicas, porém, narradas de forma a brincar com a paixão dos amantes de esportes. Cada jogo é encarado como uma conquista, sacrifício, superação, ou até mesmo uma brincadeira. Para isso, os recursos sonoros são usados tão constantemente e de forma frequente. O casamento perfeito entre a música e as imagens, trabalhadas durante o processo de edição, causa um grande impacto no público-alvo. É até mesmo uma forma de tentar levar o torcedor a vivenciar o que acontece nas reportagens. O som ambiente dos estádios, a vibração de iguais amantes esportivos toca; faz querer vibrar o mesmo gol várias vezes; dá vontade de gritar “É campeão!” a cada momento em que o ponto do título é repetido. É uma comunicação direta com o telespectador, tendo os sons, captados ou inseridos, como protagonistas dessa relação. O que comprovou a hipótese inicial de que a música influencia na recepção da informação.

Uma surpresa durante a análise foi notar que a trilha usada durante uma mesma reportagem no semanal esportivo nunca é composta de uma música repetida. Mesmo em uma matéria com mais de 30 sons empregados, nenhum deles foi usado por duas vezes seguidas. Com exceção de hinos de clubes de futebol. Até mesmo nesses casos, em pelo menos uma das entradas, a canção tema de uma equipe é usada em um estilo diferenciado. Isso possibilita uma maior interação e ainda mais possibilidades de provocar emoções diferenciadas no telespectador.

Ainda percebemos que a sonorização, se usada sem critérios, pode criar ruídos que prejudicam a informação, o que não foi observado no esportivo e nem mesmo no diário. Viu-se também que a trilha sonora muda de acordo com o teor da reportagem e, por isso, pode também mudar o humor do ouvinte.

Já no Jornal Nacional a realidade notada foi diferente. Esperava-se encontrar uma trilha sonora mais constante, ainda que em editorias específicas, como a esportiva e a de

comportamento. Provou-se que apenas a segunda foi beneficiada com a musicalização, ainda que em pequena escala.

No noticiário diário percebemos que a sonorização é utilizada, não em sua plenitude, porém de forma a se adequar ao que foi comprovado com a realização do grupo focal: que o Jornal Nacional passa notícias “sérias” que não comportam a presença de músicas. Nele, os sons ambientes e de vídeos e áudios cedidos pela polícia ou por populares são empregados com mais frequência, sobretudo na editoria policial, e criam emoções fortes. Chocam em alguns casos. Defendem a veracidade da informação em outros. Já, quando acompanhadas de trilha – praticamente só na editoria de comportamento –, essas são usadas para contextualizar, pontuar e, assim como no esporte, também busca emocionar.

Já no final da análise, a realização do Grupo Focal mostrou uma das premissas básicas da relação do jornalismo que é um “contrato não assinado” entre quem produz e quem consome. Mais do que receber a informação, o telespectador também está atento em como ela é transmitida e como eles vão recebê-la. A realização do processo possibilitou uma ampliação do entendimento deste trabalho, já que estávamos condicionados por experiência e vivência de mundo anterior, onde assistíamos, estudávamos e trabalhávamos no meio televisivo. Assim, alguns pontos que achávamos ser normais não se revelaram assim nas opiniões diversas da reunião, claro, considerando algumas variáveis como a exibição uma única vez das reportagens e falta de informação prévia, que não foi passada para os convidados.

O Grupo Focal ainda revelou uma surpresa: pudemos perceber que a falta de trilha sonora no jornalismo diário não incomoda, pelo contrário, é visto como coerente pela opinião dos participantes. Os mesmo que se sentem mais atraídos pelo Esporte Espetacular quando as reportagens têm músicas agradáveis; que as acham indispensáveis para os assuntos tratados; e que choram assistindo as crônicas apresentadas nos domingos de manhã. Nossas nove “amostras” ponderaram ainda o quanto a vinheta é importante, já que se cria um laço afetivo

com ela, reconhecendo o programa em qualquer lugar e possibilitando se localizar no tempo através de uma abertura de telejornal. E também que a melodia utilizada sugere o que há por vir, além de passar informação, mesmo que não exista a fala e nem a locução de um repórter.

Conseguimos ver o quanto a trilha sonora e os sons empregados em uma reportagem são analisados e colocados estrategicamente em um determinado momento e com um objetivo definido. Seja emocionar, alegar ou chocar. Tanto no Esporte Espetacular quanto no Jornal Nacional. A sonorização se fez um mecanismo presente de criação de significados, cenários e na comunicação com o telespectador, uma vez que também transmite sentimentos e sensações.

Os sons se fizeram tão importantes quanto um furo e uma declaração polêmica; foram o *lead* desse trabalho e, ao final, compuseram cabeça, nota pé e variaram de capítulo para capítulo. Sempre acompanhados de “trilha sonora”, para emocionar – e informar – o leitor.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: BENJAMIN, W. et al. Textos escolhidos. Os Pensadores. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons**. A nova cultura oral. São Paulo. Cortez Editora, 1994.
- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro. Campus, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão** – Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo. Editora Boitempo, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- CALEGARI, Gabrielle Hoff. **A sonorização como produtora de sentido no telejornalismo esportivo do Esporte Espetacular**. Monografia apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- FREIRE, Marcelo. **Linguagem radiofônica e jornalismo**. In LOGOS 35 Mediações Sonoras. Vol.18, No 02, 2º semestre 2011.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, Liber Livro Editora, 2005.
- GIORGETTI, Mauro. **Da natureza e possíveis funções da música no cinema**. Outubro 2008. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/29-somcinema/161-funcoes-musica-cinema>. Consultado em 13/12/2013.
- GUEDES, Daniele Raspante. **Música no Telejornalismo**. Análise das funções da trilha sonora como produtora de sentidos em matérias jornalísticas veiculadas no Programa Balanço Geral. Monografia apresentada ao Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2010.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.
- MEMÓRIA GLOBO. **Esporte Espetacular**. 2013. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular.htm>. Consultado em: 27/12/2013.
- OLIVEIRA, Roberta. **Jornalismo Esportivo/Entretenimento: A Construção Identitária das Edições Carioca e Paulista do Globo Esporte**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora (MG), 2013.

- ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas. Pontes, 2001.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro. Campus, 2006.
- PENAFRIA, Manuela. **Ouvir imagens e ver sons**. Texto apresentado durante o VII ENCONTROS DE CINEMA-MÚSICA(S), realizado em dezembro de 2003, Cine Clube Faro, Portugal.
- PETRINI, Paulo. **Um estudo crítico sobre o significado das vinhetas da Rede Globo**. Maringá. UEM, 2004.
- RAPOSO, Bernardo Portugal Silva. **A construção da imagem no telejornalismo: processos perceptivos e persuasivos**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação, PUC Rio. Rio de Janeiro, 2008.
- RAWLINGS, F - **Como escolher música para filmes**. Lisboa. Diafragma, 1968.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.
- SÁ, Leonardo. **O Sentido do Som**. In: NOVAES, Adauto (org.). Rede Imaginária – Televisão e Democracia. 2 ed. São Paulo. Companhia das Letras, Secretaria municipal de Cultura, 1999.
- SOUZA, José Carlos Anonchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo. Summus editorial, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis. Insular, 2004.
- TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.
- VIANNA, Ruth Penha Alves. **O menosprezo do som na reportagem televisiva**. Texto apresentado durante o II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, realizado em abril de 2004. Florianópolis. Disponível em:
<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1372.html>.
- WISNIK, José Miguel. **Som e Sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão**. São Paulo, Editora Ática, 1996.
- WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. 2.ed. Porto Alegre. Sulina, 1997.

7 APÊNDICES

7.1 APÊNDICE 1

Esporte Espetacular exibido no dia 01/12/2014.

VT 1 – Strongman

Já na cabeça do VT há a presença da música. A reportagem que vai tratar de um esporte que exige muito dos músculos já começa com uma trilha mais agitada durante a cabeça feita pelo apresentador Ivan Moré. Um rock que deixa a ideia de que um grande desafio pode acontecer.

“Mas a gente começa o programa com uma competição completamente diferente. Onde só entram atletas gigantes, pesando mais de 100 kilos e medindo quase dois metros. São os super-homens capazes de carregar mais de quatrocentos quilos.”

O rock presente no início da reportagem muda. Assim que o VT entra no ar a trilha se torna mais amena, num estilo reggae, e com muitas imagens de músculos forçados e de esforço dos atletas. Durante o *off*, quando o texto do repórter indica mais movimentação, o BG também muda, ficando mais ritmado e voltando com o rock com *takes* rápidos de imagens. Logo depois do primeiro *off*, o primeiro sobe som, com mais ou menos cinco segundos e a música que serviu de trilha entra também como BG do segundo *off*, que mostra imagens da competição de levantamento de pesos.

A partir daí uma sonora e uma passagem, desacompanhados de música. Então, mais um sobe som, já na competição, com o áudio ambiente do incentivo da torcida e dos “grunhidos” emitidos pelos participantes na hora de levantar o peso. Um sobe som de aproximadamente oito segundos. Seguindo o clipe, uma sonora com um participante e depois mais um BG agitado, estilo rock, sobre o OFF, emendando com um sobe som de mais cinco segundos. A quarta música diferente usada no mesmo VT dá origem, então, ainda durante o clipe, ao quinto som usado, que criou uma atmosfera mais tensa, isso pois o favorito era

apresentado, em meio a caretas e muitos músculos forçados. O off termina com o anúncio de que o favorito da competição gostou do Brasil por um motivo especial: a culinária. Aí, a sexta música é usada, em um sobe som de cinco segundos com imagens de carnes sendo cortadas. A música empregada deu um aspecto mais leve ao VT, mesmo ainda sendo agitada, caindo para o lado do rock. Isso por uma questão de descontração no meio da reportagem. Após o off e antes da sonora do campeão, mais um sobe som com a mesma trilha, de cinco segundos.

O VT volta então para a competição. Lá, a música volta a ficar pesada, numa clara relação ao esforço dos atletas e staff, aí, mais um sobe som de cinco segundo em média e a sétima música diferente empregada. A oitava música diferente empregada veio no BG de um off que introduzia uma competidor que rebocou um caminhão com o próprio braço e tentaria rebocar um avião. O som, então, era agitado, mostrando mais uma vez a questão do desafio.

O VT termina com um sobe som de quase quatro segundos que mostra a mesma música empregada por último mais alta e com um dos fortões segurando uma mulher em cada braço.

Tempo do VT - +/- 4'40'' / Foram usados 8 sobe sons, com um tempo de total de 42'', uma média de 5'' cada. Ao todo também foram empregadas oito músicas diferentes.

VT 2 – Irmãos disputam posição de goleiro no Internacional

Novamente o VT, já na cabeça, apresenta a primeira música. Nela, um clima de tensão, já que a reportagem vai tratar de uma disputa entre dois irmãos para uma mesma posição em uma equipe de futebol.

A reportagem começa então com um sobe som animado, num estilo pop e um jogo de frases em off e sonora de envolvidos, ainda sem créditos, com rápidas entradas e

imagens em movimento, num clima mais leve e descontraído, Uma brincadeira entre as fontes.

A passagem continua com o mesmo BG e a repórter apresenta os dois irmãos. Logo após, um sobe som de quase 10 segundos, mostrando lances dos dois irmãos em jogos e com narração do locutor do jogo. E a música continua durante o off, que apresenta Muriel como titular e Alisson como reserva da posição de goleiro. E a mesma música segue como BG da entrevista onde o titular da posição, Muriel, fala “eu já “tô” no Inter já há 13 anos, né. Em 2000 eu entrei com 13 anos. E subi para profissional em 2007”. Após a fala do goleiro, mais um sobe som que dessa vez dialoga com a fala com entrevistado. Nesse clipe, uma narração mostra um prêmio recebido pelo Muriel com a seguinte narração: “aí a gente “tá” vendo a imagem do Muriel recebendo uma placa pelos 150 jogos que ele completa hoje como goleiro do Internacional”. Um diálogo entre sonora e sobe som de sete segundos. A entrevista volta entre fala alternadas dos dois irmãos e com a mesma música do início.

A trilha sonora só muda devido a um off que vai introduzir um pouco da história dos dois. Continua no estilo pop, criando um clima mais ameno e até mesmo jocoso antes da sonora do pai dos goleiros. Ele é monossilábico e respondeu as duas perguntas da repórter com “não”, apenas. Isso criou um clima mais descontraído no VT.

A terceira música aparece depois dessa brincadeira, apenas como pano de fundo para um off da repórter e ritmizando o VT. A música continua por mais dois offs e como BG das sonoras de companheiros de elenco e dos personagens. Até que a mãe dos goleiros entra em cena, com uma declaração pessoa. Assim, a música também muda, entrando a terceira trilha do VT, humanizando, criando laços e como uma dramatização, já que a mãe declara que não consegue ver os filhos divididos e em uma disputa, que para ela os dois são iguais. A trilha segue pelas sonoras com um estilo mais romântico.

Essa parte da matéria se encerra com uma declaração do irmão mais novo, Alisson, dizendo que prefere esquecer a disputa e vibrar pelo momento que vive. A partir daí o VT muda de ambiente e uma música com tonalidade baixa, mas sugerindo tensão aparece no BG, isso, pois o off da repórter conta que a lesão do irmão mais velho, deu a chance do mais novo de assumir a titularidade da posição. E logo depois, o Alisson se lesionou e Muriel retomou a posição. Essa tensão de mudanças culmina em mais um diálogo com um sobe som, outra narração, de 10 segundos. “caiu o Alisson, o goleiro do Internacional... tá pedindo pra sair e pelo jeito não vai dar mais para ele e aí é troca de irmãos, né Júlio? É o Muriel era o titular...”. E a música tensa segue nas sonoras deles falando sobre as lesões.

A quinta música, já com um estilo eletrônico segue para dar ritmo ao VT como BG de offs e sonoras, apesar de não ter muita ação, a música indica isso. Tudo porquê a mãe fala que tem que dar suporte aos dois, tanto quem está na reserva e na titularidade, uma linha tênue para não desagradar nenhum deles.

A sexta música também segue o estilo eletrônico e segue como BG para sonoras e textos de off. Mas sem causar nenhuma sensação específica, mas para dar ritmo mesmo. E então, na hora dos irmãos darem depoimentos um sobre o outro, a trilha mais romântica volta para dramatizar. Foi a sétima música usada.

O oitavo som vem num estilo mais pop e dá uma leveza ao VT, isso porque é feita uma brincadeira entre os irmãos para ver se eles se conhecem bem. Uma ação que tirou boas risadas entre as pessoas que estavam no ambiente da entrevista. Risadas essas que também foram deixadas, aí, o áudio ambiente ajudando a compor o VT. A matéria se encerra com a mesma música, num sobe som de 4 segundos com os dois irmãos.

Nesse VT de aproximadamente 7'43'', foram empregados 20'' em sobe sons, sendo apenas 3'' deles com música, quando os outros foram feitos em narrações. Aqui a trilha

entrou como dramatização e ritmização, não tanto com o uso de clipes. Foram usadas oito músicas nesse VT.

VT 3 – Jogos Escolares da Juventude

Mais uma vez a cabeça do VT teve uma música de BG. Glenda anuncia que um supercampeão ajudou uma equipe de meninas a se superar. A reportagem, então, começa com um sobe som de 9'' com a narração de uma vitória de Ayrton Senna. Aí a sonora de algumas meninas dizendo o que achavam de Senna, intercaladas com pequenos takes e narrações da mesma vitória. Um diálogo entre a fala das meninas enaltecendo o campeão e sua garra e a fala de Galvão Bueno na narração, que dizia que Ayrton “levou no braço” a corrida.

O primeiro off do repórter introduz o motivo das garotas serem inspiradas pelo Ayrton – elas estudam numa escola que leva o nome do piloto. Aí, a música que acompanha o BG é uma espécie de tango, com takes rápidos de imagem e dando uma indicação de crescimento, superação. Acompanhada de um sobe som de 3'' com um grito de guerra das meninas.

A terceira música é uma eletrônica usada no texto que o repórter explica a competição e takes rápidos de jogos de esportes variados aparecem na tela. Agilidade casada entre som e imagem. O quarto som é uma “baião” instrumental, com o repórter, também em off narrando que a viagem das meninas foi uma aula de geografia e explicando o motivo, com o auxílio até mesmo de artes, mostrando o percurso percorrido. Aí entra o quinto som, durante sonora do treinador. A música criou um aspecto tenso, pois ele falou das dificuldades e do cansaço proporcionados pela viagem.

O sexto som vem depois da passagem, mostrando a situação de outra equipe que viajou 24 horas para chegar no local da competição e se encerra com um sobe som de seis

segundos misturando música e grito de guerra de uma equipe. O som final foi em tom crescente, o que cria uma ideia de superação/crescimento.

Foram usados 3 sobes sons totalizando cerca de 18'', numa matéria de 2'24''. Sete músicas foram usadas, mesmo sendo uma reportagem bem curtinha.

VT 4 – Luigi Cani

Já na cabeça, novamente, a presença da música. No caso de reportagens com Luigi Cani, um rock, o que dá a sensação de aventura. Antes do início do off da repórter, um clipe de 5'' com imagens do local do salto. Com uma música agitadinha, sempre com ritmo para o VT. Entre as pausas no off, pequenos takes de imagens com sobe som, de um a dois segundos. Até que a repórter anuncia que o telespectador vai conhecer Fernando de Noronha de uma maneira diferente e uma edição diferenciada com imagens de salto radicais entra, junto com uma trilha mais agressiva e a terceira música do VT, antes mesmo do primeiro minuto completo. Essa terceira entrada serve como uma vinheta para o quadro.

A quarta música é de um estilo eletrônico e aparece para apresentar uma modelo internacional que também é paraquedista e vai acompanhar Luigi no salto. Vários sobes sons são usados entre as pausas no off, com imagens da carreira de Roberta Mancino. Cerca de 10'' de sobe sons. E a música segue ainda durante a sonora da modelo. A quinta música também é eletrônica, segue como BG de offs, imagens e sonoras, e junto com o som ambiente, do vento e da maresia, compõe um clipe curtinho, de uns 4'', antes de outro som entrar em cena.

Uma música mais animada, no estilo pop, segue em um clipe de 5'' que mostra os amigos nadando, e tirando fotos antes dos preparativos do salto e um mergulho com os golfinhos. Nesse ponto o VT muda de novo e som se torna instrumental, mais dramático,

quando a repórter explica um projeto de preservação dos golfinhos. Ali, mais um sobe som com música casada com o áudio ambiente, com duração de cerca de 8'', e o mesmo som segue num BG bem baixinho durante a sonora.

O oitavo som vem com um ar mais de preparação e indicando até uma certa tensão: começa a preparação do salto. O primeiro sobe som dessa sequência tem 6''. Logo depois, mais um off com a mesma música de BG e um clipe de 30'' com, mais uma vez, a mistura do som ambiente com a música.

A música então muda para o salto e mais clipes entre off e pausas nele, com duração de 40'' aparece. Com um nono som, que ainda dá certa sensação de tensão, porém com mais agilidade e indicando a ação. A música continua tocando em parceria com o áudio ambiente até que os paraquedistas aterrissam.

A décima música utilizada no VT vem com um aspecto mais de ritmo mesmo, onde algumas curiosidades serão apresentadas, como as preferências da modelo/atleta. Ela saltou de salto agulha. Aí, a música segue em clipes de mais 50''. Entre imagens das poses feitas pela modelo em plena queda livre e a aterrissagem.

Quando o desafio muda, a música acompanha. O 11º som aparece mais uma vez indicando ação, dessa vez, um pouso rasante. E mais um clipe de 40'' que mostra o voo e o pouso de Luigi. E a mesma música acompanha um sobe som final de 20''.

Foram 11 músicas utilizadas em pouco mais de 9' de VT. 11 clipes e sobe sons apareceram durante a reportagem, totalizando cerca de 3'40'' de imagens e sons. Teve vinheta.

VT 5 – Kaká na Liga dos Campeões

A cabeça lida pelo apresentador foi musicada novamente. E mais uma vez o rock se fez presente, criando um clima de expectativa sobre o que viria, devido a melodia utilizada. Logo no início do VT um pequeno clipe de 3'' antes do off, com a música tema da Champions League. E já antes mesmo da conclusão do primeiro texto do repórter, a mudança de música: depois de situar, a vinheta da Champions deu lugar a uma música instrumental orquestrada e que ritmizou a matéria, casada com takes rápidos de imagens que dançavam em perfeita sintonia com os acordes dos instrumentos. A música mudou ainda outras seis vezes, trocando de acordo com o jogo que era narrado e os lances passavam. Elas deram ritmo a um VT sem sonoras, só com imagens, sons e a voz do locutor. No final, a música instrumental orquestrada volta, para o encerramento do VT. O curioso é que a matéria foi toda feita somente com offs e, nas pausas, pequenos sobes sons, totalizando uns 12''.

Num VT de 4'15'', foram usadas 8 músicas, mais ou menos 20'' de clipes e muitas imagens de jogos variados. Um VT sem sonoras que contou com a música em tempo integral para dar ritmo e sempre acompanhada do som ambiente, como a comemoração da torcida.

VT 6 – Situação Estádios Copa

A cabeça do VT é acompanhada de uma música bem baixinha e sem muito ritmo, o que cria uma atmosfera mais de suspense, porém sem tanta tensão. O assunto ainda será introduzido. Logo após a cabeça, a vinheta “Estádios da Copa”. Daí em diante um caso raro: nenhum sobe som ou clipe foi utilizado nessa matéria. A música esteve presente. Marcou o off inicial com a questão da Arena Corinthians com a mesma música da cabeça, que cria

suspense sem dar tanta tensão. Depois, para mudar para Cuiabá, a música muda também. Lá, duas são utilizadas: a que marca a mudança de estádio e uma mais no final, quando o repórter anuncia que a obra não deve ser concluída até o prazo, uma forma de pontuar a trágica novidade.

Foram 3'17'' de VT sem sobre sons, mas com o emprego de 3 músicas diferentes. Talvez pelo fato de ser uma reportagem mais “séria”. Mas teve o emprego de uma vinheta.

VT 7 – Fluminense empata brasileiro

Já na cabeça uma música bem animada que já deixa a ideia de confronto/embate. Isso pois o VT vai mostrar a disputa entre Atlético MG e Fluminense pelo Brasileiro.

A música que deu início ao VT veio casada com um off “Fluminense de um lado, Atlético do outro” e dava, mais uma vez, a sensação de embate/confronto. Então ela muda, para o segundo som usado, agitado, com uma retrospectiva feita pelo repórter do campeonato de 2012. Isso em meio a pequenos sobre sons (máximo de 5'') com narração do jogo do campeonato passado, em que os dois disputavam o título. E a música muda mais duas vezes quando o VT volta para o jogo de 2013. Essa mudança é feita casada com as brincadeiras e pontuações do repórter, contribuindo para uma relação de simbiose, onde a música pontua o texto do off.

Enquanto o repórter narra os gols e os lances, a música continua e se agita conforme o jogo avança e os gols aparecem. Tudo isso com ainda outro som de fundo, pouco mais alto que a música em alguns momentos – a narração do confronto. Quinto e sexto som usados vieram mais no final, quando o jogo mudou de figura e o Flu quase perdeu. No final, ela volta a ficar mais tensa, afinal teve tentativa de invasão de torcedores e o tricolor

continuava na zona de rebaixamento. E devido a situação, ao fim do VT, não teve sobre som final e, sim, silêncio.

Um VT mais factual que teve 3'28'' de duração com pequenos sobre sons pontuais e uma marca – a música pontuando a narração e ditando junto com a locução do repórter a dinâmica da matéria.

VT 8 – Conquista Fluminense Campeão

Na cabeça uma música num estilo épico, muito usada em sagas. Isso promove uma exaltação a uma história de vitórias e, portanto, criando de cara uma atmosfera para a introdução do VT que vai relembrar as principais vitórias do Fluminense.

A matéria começa com um sobre som da narração da conquista do tetracampeonato tricolor como pano de fundo da vinheta da série, que foi variável – uma diferente para cada clube participante. Depois um sobre som de 7'', com a narração da vitória de 2012 (que já vinha da vinheta) e cola com a narração do primeiro campeonato conquistado, quando começa o off do repórter. Tudo isso sobre a primeira música usada e com falas pontuais de personagens das conquistas.

O VT então muda de música tal qual começa a narrar parte das características históricas do time. Isso com a segunda música: uma versão rock instrumental do hino do Fluminense.

A terceira música é um samba, que acompanha a explicação em arte de como o campeonato da década de 1970 era realizado. O ano do primeiro título do tricolor carioca. A quarta música é um chorinho, com a apresentação de Mickey, um dos principais jogadores da época. Em meio a trechos de narrações da época, o quinto som aparece, deixando o clima do VT mais denso. É uma música que inspira mais suspense, isso, pois vai tratar do drama de

outro personagem, Marco Antônio, que foi vaiado em um dos jogos mais importantes. Assim, criando um drama na fala do tricampeão mundial.

A sexta música levanta novamente o astral da reportagem, voltando a falar de Mickey e da conquista. Esse som deu um aspecto mais épico ao VT, criando o laço de conquista com os torcedores.

O samba volta como a sétima música usada durante a narração que se inicia do título de 1984. Durante essa parte, mais oito músicas são empregadas, totalizando 15. Elas pontuam partes do VT e dão ritmo, porém, sempre com pequenos sobes sons de narrações e matérias feitas na época.

O campeonato de dois mil e dez começa a ser narrado não com música, mas com o áudio da torcida comemorando. E isso ainda acontece durante um sobe som de cerca de 5'' com o mesmo áudio. Quando a 16ª música apareceu ela veio no estilo épico, parecida com aquela usada em clímax de filmes de super-heróis. Assim, mostrando que o campeonato de 2010 foi suado. Além disso, apresentava o drama de Emerson Sheik, que foi criticado quando chegou ao clube e saiu glorificado. Também é mostrado o nascimento do “time de guerreiros”, como ficou conhecido o tricolor. Outras sete músicas foram empregadas. O que totalizou 23 sons no total. Sempre acompanhadas de sobes sons de jogos com o som da torcida e de narrações passadas.

A locução do título de 2012 começa com um sobe som da torcida cantando “O Fred vai te pegar” já anunciando quem seria o protagonista daquela conquista. Outras 10 músicas foram usadas para narrar essa conquista, totalizando 33 sons ao longo do VT, além dos sobes sons.

Uma matéria de 18'54'' que teve 33 músicas diferentes empregadas em sobes sons diversos que totalizaram mais de 2' de duração. Além disso, os sons se fizeram presentes em toda a extensão do VT.

VT 9 – Arena da Baixada

A segunda reportagem sobre Estádios da Copa já começa na vinheta e segue o mesmo estilo da primeira exibida no programa. Três músicas foram empregadas e sem sobre som, com as trilhas acompanhando os offs e num formato mais quadrado e off + passagem + sonora.

VT 10 – Tite se despede Pacaembu

Mais uma vez uma música durante a leitura da cabeça do VT pelo apresentador, mas dessa vez, sem significado aparente. A matéria começa logo de cara com uma música que parece com as de vídeo game, quando o herói principal aparece. É para exaltar Tite. Durante o off, foi ouvido o som da torcida e quando Mauro Naves narra: “eles não foram lá só para torcer para seu time de coração, foram lá para agradecer”, entra o sobre som de uma torcedora com “Muito obrigada!”. Mais um off que dizia “a noite se tornou completamente especial para Adenor Ronaldo Bacchi, o Tite”, durante uma imagem do treinador acenando para torcida, seguindo de um sobre som com as centenas de vozes cantando: “olê, olê olê... Titeee, titee”, em 5”.

Foram usadas 3 músicas durante o VT sendo que duas delas no início e a outra, mais no finalzinho, quando houve a locução do jogo. Nesse caso, optou-se por usar sobre sons da torcida em campo, em dois sobre sons de 5”, durante o VT, que teve 3’25” de duração.

VT 11 – Gol

Em 1'15'' de VT os jogos da Série B foram mostrados em locução em off do repórter, que usou trechos diferentes de uma mesma música, sem sobre sons, mas com a música durante toda a matéria.

VT 12 – Campeonato Mundial de Salta de Penhasco

Na cabeça, novamente a presença do rock, mostrando que vem aventura por aí. Antes do fim do primeiro off são usadas duas músicas. Um delas, acredito eu que seja Tailandesa, o que faria sentido para contextualizar o local onde o campeonato era disputado. A outra, uma pequena batida eletrônica que surgiu enquanto o repórter fazia um jogo de palavras com as respostas de uma turista brasileira, mostrando a jocosidade do momento. Que é seguido por uma passagem desacompanhada de músicas. Nela, Régis Rosing termina dizendo que “por isso, é fundamental cair em pé!”. A seguir, um clipe de 12'' acompanhado de rock'n'roll com imagens rápidas das quedas dos atletas, caindo, sempre em pé.

Outras quatro músicas aparecem enquanto o “inventor” do esporte é entrevistado. Em meio a offs e sonoras, já são 9 sons, que terminam em mais um sobre som, de 10'', com imagens das manobras durante os saltos. Outras 7 músicas são usadas ao longo do VT onde o local é apresentado e a final da competição demonstrada. O encerramento, um clipe de 6'' com os atletas jogando futebol na praia, com uma música comercial, com letra e tudo.

Foram pouco mais de 11' de VT com, pelo menos, 30'' puros de clipe, fora os sobre sons pontuais e pequenos, além da presença de música durante todo o VT.

VT 13 – Último parte do VT situação estádios

Do mesmo modo que as partes anteriores. Música presente (3 trilhas diferentes) que acompanham os offs. Sem sobe sons. Esquema de Off + Sonora +Off + Passagem... VT normalzinho.

VT 14 – Atletas amputados X sem deficiência

Cabeça mais uma vez acompanhada de BG, que criou um aspecto de suspense, justificado pela novidade do tema que foi noticiado e do teste feito. O VT começa com um sobe som de 15'' com imagens do atleta com deficiência do sem, correndo lado a lado sob uma música que nos dá a ideia de desafio/competição.

A segunda música aparece mudando o aspecto do VT. Então o personagem, Allan Fonteles é apresentado e uma música agitada é usada, casada com suas imagens de competição e terminando um mais um sobe som, de 4''. A trilha muda mais uma vez, com a terceira e quarta música, quando o repórter faz uma retrospectiva das próteses usadas nos atletas. Uma música que faz um pano de fundo enquanto a explicação é feita.

A quinta música surge criando mais uma vez o clima de disputa, já que mostra os preparativos e o início da montagem do teste entre atletas. Sexta e sétima trilhas aparecem durante os testes, sempre criando uma atmosfera de tensão onde tudo pode acontecer, mas, ao mesmo tempo, uma ideia de competição. Outras seis músicas são usadas até o final do VT, totalizando 13 trilhas, e um sobe som final de 10''.

Num VT de pouco mais de 13', foram 13 trilhas utilizadas. Porém, nesse VT apresentou um aspecto diferente: as trilhas ficaram mais tempo no ar, criando verdadeiros ambientes dentro do VT, como momentos de tensão e agitação. Os sobe sons mais notáveis

acontecem em 3 momentos – início, meio e final da matéria – com aproximadamente 30” de duração.

VT 15 – Giovane dos Santos

Mais uma cabeça sonorizada, porém sem criar clima de tensão e nem nenhuma sensação específica. Quase três minutos de VT com o emprego de 9 músicas que foram usadas ora para dramatizar a história do corredor, ora para criar tensão com a disputa contra o quenianos e ainda teve momentos em que músicas corridas agilizaram e deram ritmo a matéria.

VT 16 – Volta da Pampulha

VT pré-gravado, mas que ficou com aspecto de “ao vivo” quase que a mesma trilha utilizada por todo o VT, sempre indicando movimento e desafio.

VT 17 – Flamengo Campeão Copa do Brasil

A cabeça do VT foi musicada com o hino do Flamengo. A matéria começa com o repórter anunciando que está a bordo do ônibus do Flamengo e o rock se apresenta, indicando movimento, já que eles estão a caminho do Maracanã. Esse off termina com um sobe som de 5” com o canto da torcida que aguardava a chegada do ônibus. Uma comunicação entre off e sonorização, uma vez que Régis anuncia “numa viagem que só tem um destino” e logo em seguida o sobe som “vamos Flamengo, ‘vamo ser campeão’, vamos Flamnego”.

A segunda música cria uma constante tensão no ar: torcedores, jogadores e uma narração como se eles se preparassem para uma guerra. Até a terceira trilha surge, trazendo um aspecto mais épico, quando o time sobe para os gramados. Sempre com o auxílio do áudio ambiente, que o repórter faz uma alusão comparando a “zumbido de uma colmeia”. Outras duas músicas aparecem durante a locução da primeira parte do jogo, até que mais um sobe som de 10’’ aparece, novamente com o canto da torcida. Já são cinco trilhas.

Outras quatro músicas apareceram até o final do Vt, sempre pontuando e dando ritmo junto com a locução do repórter. Totalizando 9 músicas em uma VT de quase 7’, com vários sobes sons, entre eles, o final, com canto e vibração da torcida. O tal do “mostrar onde está” e aproveitar o “zumbido da coméia”.

7.2 APÊNDICE 2

Esporte Espetacular exibido no dia 08/12/2013

O programa exibido no dia 08 de dezembro de 2013 apresentou o conteúdo semanal de forma diferenciada, porém, com a mesma essência dos anteriores. O noticiário esportivo completava 40 anos e, portanto, conteúdo comemorativo e participações especiais foram mostrados. Além disso, a edição do dia 08 foi uma das maiores dentre as amostras analisadas.

Ao todo, foram assistidas 19 reportagens que foram veiculadas no semanal. Todas apresentaram a presença de trilha sonora na composição, no mesmo padrão analisado anteriormente. Pelo menos uma música diferente por matéria e a mesma melodia não aparecendo por duas vezes em um mesmo VT. As canções continuaram com o emprego de criação de cenários e dramaticidade nas reportagens, além da sonorização ambiente

possibilitar a viagem do telespectador até o local de captura das imagens e se imaginar dentro – ou novamente dentro – da disputa.

Na reportagem *Relembra Clayton Conservani*, as matérias ancoradas pelo repórter foram lembradas sempre com o estilo sonoro comumente empregado, alternando entre músicas agitadas, quando a ação, como a descida de *rafting*, era mostrada. Já, em aventuras que apresentavam paisagens diferenciadas, a trilha ficava mais leves e os *takes* mais curtos, justamente para apreciação. Utilização musical parecida com a empregada na *Tande reedita Aventure-se*, com uma trilha semelhante, agitada, durante os momentos de mais ação.

Nas reportagens *Torcida Santa Cruz*, *Torcedores Ponte Preta*, *Briga Libertadores*, *Náutico Vence*, *Flamengo e Cruzeiro despedem Brasileirão* e *Campanhas Ruins Cariocas* há, além da presença da trilha sonora, grande utilização de sobe sons com os cantos, vibrações e vaias dos torcedores no estádio, criando um determinado cenário para a cada reportagem.

Nas matérias *Diferenças Bolas Futebol*, *Giz antes Campo Virtual*, *Crianças Testam Brazuca*, *Tecnologia Boxe e Ciclismo* e *Diferenças Tênis de Mesa*, a trilha é usada de forma a pontuar a locução do repórter, de acordo com cada tema abordado. São também sonorizados de acordo com a necessidade e a presença de sobe sons de sons ambientes durante a duração.

Os VTs *Homenagem Esporte Mandela*, *Quadro Fala Aí* e na apresentação de retrospectiva de alguns ex-apresentadores da atração, como a da Scalabrini e da Glenda, a música é usada também com ares poéticos e de humanização das reportagens, além de também possuir a presença de sobe sons.

Ainda foram apresentadas as campanhas publicitárias que a emissora divulgaria pelos 40 anos da atração e a reportagem *Atletas Tocam Tema EE*, onde a música deixa de ser

coadjuvante e passa a atuar como estrela da reportagem, já que foi abordada a importância da trilha característica do semanal para a vida dos atletas e pessoas ligadas à área.

O mais interessante desse dia de programa foi a mudança da identidade visual do Esporte Espetacular. A arte gráfica da vinheta mudou. A trilha continuou a mesma, mas ela foi estilizada digitalmente, dando um aspecto mais moderno e dinâmico.

7.3 APÊNDICE 3

Esporte Espetacular exibido no dia 15/12/2013

A edição do dia 15 de dezembro destoou das outras coletadas como amostras pelo fato de ter sido a menor delas em exibição, com apenas 40 minutos de material produzido. Portanto, apenas duas reportagens apresentaram mais de 10 minutos de duração. As outras foram menores, para aumentar a pluralidade de assuntos. Como nas edições anteriores, todas as reportagens apresentaram, pelo menos, uma trilha sonora e também utilizaram o recurso do *sobe som* de áudio ambiente.

Na reportagem *Fôlego Máximo*, em quase 10 minutos de reportagem, foram utilizadas diversas músicas que contribuíram para dinamizar e também suavizar em alguns pontos a matéria.

Nos VTs *Seguem Presos Briga Torcida* e *Roberto Dynamite Contra*, por serem reportagens mais “sérias” a trilha sonora foi usada de uma forma mais controlada. Não houve tanta mudança de clima e a tensão suspense e drama dominaram praticamente toda a reportagem. Ao contrário da reportagem *Sucesso Ronaldinho Gaúcho Marrocos*, que, apesar de curta, foi bem musicada e sempre indicando alegria e deixando a sensação de brincadeira no ar.

Por fim, na exibição do *Rei e Rainha do Mar* a música foi trabalhada no esquema de AO VIVO, com menos músicas, mas a presença constante dela na reportagem e o uso, muito grande, de sobes sons com a narração da prova.

7.4 – APÊNDICE 4

Esporte Espetacular exibido no dia 22/12/2013

A escalada do programa é diferente das dos telejornais habituais e do Jornal Nacional. No Esporte Espetacular, a vinheta não é constante e a música muda de acordo com o tema anunciado, mudando também a atmosfera acerca daquele assunto. Além disso, todas as “cabeças” dos VT são acompanhadas de trilha sonora.

Porém, uma coisa chama a atenção nesse dia: há várias entradas ao vivo durante o jornal, sobre um acidente que aconteceu durante a madrugada e matou 14 pessoas. Nas cabeças, antes de chamar o vivo, não há a presença de música.

VT 1 – Ricardo Maurício

A cabeça da reportagem já é musicada, só que dessa vez, com a música tema do programa, o tradicional “pá pá pá pá...”. O VT conta um pouco da história do piloto da Stock Car que foi campeão da categoria naquele ano. São usadas 5 diferentes músicas e mais dois sobes sons com áudios de narração ou sons ambientes de câmeras da pista, no momento da corrida. Em 3’40’’ de VT foram, aproximadamente, 30’’ de sobes sons.

VT 2 – Everton Ribeiro

O VT que conta a história do “Craque do Brasileirão” de 2013 tem 9’32” de duração com 1’ utilizados em clipes e sobes sons. Ao longo da reportagem foram utilizadas 14 trilhas sonoras diferentes, além da presença sempre constante do áudio 2 da câmera, que é o som ambiente.

Nesse VT em especial é interessante notar o diálogo de exemplificação com os sobes sons, como quando o repórter indaga o personagem sobre o gol ter valido o ingresso, lembrando uma passagem da narração e, logo após, um clipe com essa parte da narração do jogo ser utilizado. As músicas usadas também foram pontuais, ou seja, ajudavam na mudança de assunto e atmosfera de percepções da história do jogador.

VT 3 – Poliana Okimoto

Reportagem de 4’12” de duração, 8 músicas empregadas e 3 sobes sons com narrações de competições passadas e áudio da última competição de natação do ano. OS clipes foram menores, não ultrapassando os 40” de duração ao longo de toda a reportagem.

VT 4 – México Enfrenta Brasil

Reportagem de 5’57” de duração, mas com pouquíssimos sobes sons, apenas 10” convertidos em pequenos clipes. A matéria foi toda acompanhada de trilha sonora, principalmente, com músicas latinas e mexicanas, claro. Foram usadas 9 diferentes músicas ao longo da reportagem.

VT 5 – Luigi Cani na Itália

Foram 9'07'' de reportagem com 2'10'' deles dedicados a clipes de imagens com trilha sonora, seja na apreciação da paisagem no início do VT ou até mesmo no maior clipe, de 45'' que acompanhou o salto do atleta. Porém, dessa vez, menos músicas foram utilizadas. Apenas 8.

VT 6 – Copa Futebol de Areia (AO VIVO)

Durante o jornal teve a transmissão ao vivo da final da Copa do Mundo de Futebol de Areia entre Brasil e Portugal. Durante a transmissão, como sonorização só temos o áudio ambiente do local da transmissão. Em clipes pós-jogo e até mesmo pequenos replays, podemos perceber a presença de trilha sonora, porém, só mesmo nesses momentos extras.

VT 7 – Acidente deixa 14 mortos

Por ser um VT fora do esporte, em nenhum momento, ele apresenta a presença de trilha sonora. Nem mesmo de sobe sons.

VT 8 – Acaba Mundial de Clubes

Os jogos aconteceram durante a semana e foram noticiados por todos os jornais da rede, incluindo o Jornal Nacional. Isso, talvez tenha feito que o VT tivesse um tempo menor do que o habitual. Apenas 4'07'' de reportagem e com apenas a utilização de um sobe som,

no final, para encerrar. Foram usadas 5 músicas que deram ritmo a reportagem e ajudaram a pontuar momentos distintos.

VT 9 – Série Campeões Botafogo

Foram 13'38'' de reportagem que, assim como os dos times anteriores, utilizaram as músicas para pontuar momentos, deixar algumas declarações mais dramáticas e muitos sobre sons com narrações de jogos e reportagens antigas, que deram mais base e trouxeram recordações para os telespectadores. Foram 11 sobre sons no total e alguns clipes, que totalizaram quase 2' da reportagem.

VT 10 – Curtinhas – São pequenas notícias de curiosidades sempre acompanhadas de trilhas sonora.

VT 11 – Pedrinho Wake Board

VT de 6'56'' com 36'' usados em clipes de imagens. Foram empregadas 10 músicas diferentes, sempre dando ritmo e ajudando a pontuar a reportagem.

VT 12 – Estilos de luta mais fortes

São 10'15'' de reportagem. Desse tempo, 40'' foram usados em clipes de imagens com trilha sonora inserida. Ao todo, foram utilizadas 13 músicas diferentes durante a reportagem. Elas ficam mais tempo durante a reportagem, uma marca das matérias analíticas do semanal.

Para pontuar e exemplificar alguns momentos, são usados clipes de imagens, porém com a trilha sonora encaixada pelo editor. No exemplo, quando o repórter cita que o soco de Cigano é dado para nocautear e fala sobre a quantidade de força do movimento, um clipe entra em cena, com imagens em câmera lenta de uma luta do atleta, em que ele soca um adversário. Uma forma de deixar o VT mais didático.

VT 13 – Renato Gaúcho e Grêmio

Foram quase 9' de reportagem sobre o título mundial do Grêmio e a importância do Renato Gaúcho. Cerca de 1' foram usados em clipes com trilha sonora e imagens e sobre sons de momentos dos jogos importantes da conquista. Sempre pontuando o texto com o repórter e possibilitando uma mudança de tema.

VT 14 – Spider VS Weidman

Em 7'54'' de reportagem foram empregadas 11 diferentes trilhas sonoras, com uma tendência já vista em outros VTs – uma música que já foi usada, geralmente, não volta a ser usada. Em clipes de imagens e sobre sons foram usados 30'' do tempo total da matéria.

VT 15 – Entrevista Exclusiva Spider

Anderson Silva concedeu uma entrevista exclusiva para a equipe do EE. Nela, foi seguido o clássico esquema de pergunta e respostas, com apenas dois offs. Pela ausência do off, podia-se pensar que não haveria trilha, porém, elas tiveram presentes durante toda a matéria. Foram 10 músicas diferentes usadas e elas mudavam de acordo com a resposta do

personagem. Por exemplo, quando ele respondeu sobre o que aconteceu após a derrota para Weidman, a música criou uma atmosfera de tensão e suspense, dando um drama a mais para a resposta, ao contrário de quando o Anderson respondeu que a luta do século seria entre ele e seu clone. Nessa parte a música ficou mais alegre, o que ressalta a jocosidade da informação.

VT 16 – Garoto conquista sonho

O semanal termina com a história de um menino que encontrou no futebol um motivo para esquecer as dores de uma doença complicada. Nos quase 2' de VT são usadas 5 músicas, com sobe som apenas no final, casado com imagens do garotinho treinando. Todas as músicas tiveram um papel de dramatização. Algumas empregadas nos momentos de alegria em que ele entrava em campo com os profissionais, davam aquela sensação de sucesso, vitória, digna de sequências de super-heróis após derrotar o vilão. Quando a parte era sobre doença, a música baixava e criava um ambiente pouco mais tenso. Mais uma vez a música ajudando a guiar a matéria.

7.5 APÊNDICE 5

Jornal Nacional exibido no dia 16/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura.

VT 1 – Morte Servente de Pedreiro (POLICIAL)

A cabeça do VT não é musicada, nem mesmo os offs.

Porém, uma ocorrência de utilização de sonorização é registrado na matéria. O repórter segue em off sem som “Mas um vídeo divulgado pelo Fantástico, revelou que Paulo,

ainda vivo, foi cercado, agredido pelos policiais e e implorou para ser solto.” A partir desse momento, ocorre um sobe som com a áudio desse vídeo amador. “Ô senhor, pelo amor de Deus! Eu não tenho nada ver com isso não senhor!”

Mais um off se segue “Logo depois um policial ergue os braços, em posição de tiro. No vídeo, houve-se apenas um barulho.” E mais um sobe som aparece, dessa vez, apenas com o estampido de um tiro.

O VT segue sem trilha sonora, apenas com o chamado áudio 2 – que é a gravação ambiente do som das imagens – e que aparece quando elas são empregas, mas muito baixas, sem influenciar e nem dar ritmo. Tanto que, durante uma arte, por exemplo, nenhum som é ouvido além da voz do repórter.

VT 2 – Big Brother PRF (POLICIAL)

A reportagem segue sem nenhum tipo de trilha, apenas com o áudio 2 das imagens captadas. Além disso, como na reportagem acima, há a utilização de sobe sons, só que dessa vez, com um vídeo gravado pela própria Polícia Rodoviária Federal, em que mostra uma perseguição a dois homens de moto e o momento em que o policial ordena que os ocupantes encostem. Assim como no primeiro VT apresentado, uma forma de exemplificar e mostrar a nova ferramenta da PRF, além de dar um pouco de “ação” para a reportagem.

VT 3 – previsão do tempo

Toda a previsão do tempo é acompanhada de trilha sonora. Ela começa na vinheta e acompanha a locução da repórter durante todo o tempo em que fica no ar. Uma maneira de criar uma identidade para o quadro além de diferenciar de uma reportagem.

VT 4 – Problema Proteção Estiagem (GERAL)

O VT não é musicado em nenhum momento e não tem a utilização de sobe sons. Mais uma vez, apenas o áudio 2, ambiente das imagens captadas, é notado durante a locução do repórter.

VT 5 – Robô posa Lua (INTERNACIONAL)

VT não musicado, porém, com o uso de dois sobe sons de foguetes sendo lançados para o espaço. Uma maneira até mesmo de pontuar o texto do repórter. Mais uma vez, o áudio 2 foi mantido nas imagens empregadas, sempre bem mais baixo do que a locução do repórter.

VT 6 – PF descobre fraude no Bolsa Família (POLICIAL)

O VT segue no mesmo esquema dos anteriores, sem a utilização de músicas. Porém, parte da reportagem foi gravada com uma câmera escondida. Assim, há um sobe som no momento em que a repórter diz “Mas, no país vizinho, encontramos este homem que já sacou 716 reais esse ano. Sem saber que estava sendo gravado, ele confirma o endereço em Bela Union, no Uruguai.” Logo após, o trecho da entrevista feita com o homem usando a câmera escondida vai para o ar. “O senhor reside na 14, na rua... ‘1457’ Rua Saul Facio, 1457”. Fora essa ocorrência, o VT segue sem trilha.

VT 7 – Diretor Pronto Socorro Afastado (DENÚNCIA)

VT sem nenhum tipo de trilha. Nem mesmo o áudio 2 foi usado. Somente no final, quando a repórter cita que o diretor se despediu da equipe de forma irônica, o VT é encerrado com um sobe som mostrando a maneira com a qual o diretor se despediu.

VT 8 – Promotores ouvem auditores fiscais (DENÚNCIA)

VT sem nenhum tipo de música ou de sobre som. Apenas áudio 2 quando imagens captadas pela equipe de reportagem foram usadas.

VT 9 – Manifestantes ocupam viaduto do Chá (LOCOFF)

Sem sons empregados.

VT 10 – Novo Modelo Favela (GERAL)

VT sem sonorização, apenas com a presença do áudio 2.

VT 11 / 12 / 13 – Irregularidade Obras / Inaugura Monumento Mandela / Morre Atriz (AMBOS LOCOFF)

Sem sonorização.

VT 14 – Olimpíada de Matemática (EDUCAÇÃO)

VT mais leve, de educação, que usou mais de recursos imagéticos, como imagens em contra-plounee e outros, que construiu uma narrativa mais detalhada, contando uma história. Porém, sem a utilização de sons, apenas o ambiente.

VT 15 – Prêmio Jovem Cientista (EDUCAÇÃO/COMPORTAMENTO)

O mesmo caso do VT acima. Mais recursos e uma narrativa fazendo comparação com a realidade da cidade. Porém, sem sons. Apenas o áudio 2 das imagens gravadas.

VT 16 – Vistoria Arena Amazonas (LOCOFF)

Sem sons.

VT 17 – Jogador Croata Fora Copa (ESPORTE)

VT de esporte sem música. Porém com o emprego de um sobe som, onde ouvimos a saudação nazista que fez o jogador ser excluído do mundial de 2014.

VT 18 – Atlético Mineiro no Mundial (ESPORTE)

VT de esportes sem a utilização de música, mas com 3 sobe sons curtinhas durante a reportagem, com a farra promovida pelos torcedores dos clubes do mundial. Além disso, presença novamente do áudio 2.

7.6 – APÊNDICE 6

Jornal Nacional exibido no dia 17/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura.

VT 1 – Ocorrências chuvas (GERAL)

VT sem música, mas com três ocorrências de sobe sons. Uma quando citam um vídeo de uma casa sendo levada pela enxurrada e parte do vídeo é mostrado para o telespectador. Outros dois momentos o som ambiente é elevado (praticamente só se escuta o som do helicóptero), quando a imagem de uma cidade debaixo de água é mostrada.

VT 2 – Morre Deslizamento Chuva (GERAL)

VT sem música, somente com a ocorrência do áudio 2. Há um sobe som, quando o flagrante de uma encosta vindo abaixo é mostrado.

VT 3 – previsão do tempo

Toda a previsão do tempo é acompanhada de trilha sonora. Ela começa na vinheta e acompanha a locução da repórter durante todo o tempo em que fica no ar. Uma maneira de criar uma identidade para o quadro além de diferenciar de uma reportagem.

VT 4 – Problemas Controladores de Voô (GERAL) – VT sem música e nem sobre sons, apenas com o emprego do áudio 2 que é o som ambiente da câmera. Sempre mais baixo do repórter.

VT 5 – Capotamento (LOCOFF) – Sem músicas

VT 6 – Prazos Plano de Saúde (GERAL) - Reportagem sem o emprego de músicas, apenas o áudio 2 ambiente.

VT 7 / 8 – Polêmica Cirurgia Chinês / Penitenciária Lotada (LOCOFF) – sem músicas e nem o áudio ambiente.

VT 9 – Caso David Miranda (INTERNACIONAL) - Sem músicas empregadas, apenas áudio 2.

VT 10 – Espionagem EUA (INTERNACIONAL) – Sem música, apenas áudio 2.

VT 11 – Atlético-MG Treina Marrocos (ESPORTE) – VT de esportes sem o emprego de músicas, porém, encerrados com um sobre som dos jogadores no treino.

VT 12 / 13 – Jogo Bayern + Jogador seleção Italiana (LOCOFF) – sem músicas.

VT 14 – Chamada Profissão Repórter – Não foi usada nenhuma música, porém, teve pequenas ocorrências de sobre sons, isso, até mesmo para atrair o público para o material que vai para o ar.

VT 15 / 16 – Índio na Árvore / Ação Papa (LOCOFF) – sem músicas.

VT 17 – Arte de Biscoito (INTERNACIONAL)

Uma matéria mais de comportamento que contou com uma pequena trilha sonora antes da receita apresentada. Porém, menos de 3” no ar. O restante foi de áudio ambiente mesmo, sem ocorrência de sobre sons ou trilha.

7.7 – APÊNDICE 7

Jornal Nacional exibido no dia 18/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura. Loc Offs e Notas não são foram musicados em nenhuma ocorrência no jornal.

VT 1 – Governo BR compra caças (ECONOMIA/GOVERNO)

Reportagem sem a utilização de trilha sonora. Apenas a presença do áudio 2.

VT 2 – Bombeiros combatem incêndio navio (GERAL)

A reportagem não apresentou nenhuma ocorrência de trilha sonora, apenas um sobre som casado quando o repórter cita as sirenes de alerta e, então, o áudio ambiente é elevado, numa demonstração de que a sirene foi acionada.

VT 3 – Problemas Escoamento Grãos (GERAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a utilização dos sons ambientes, mesmo que nenhum sobre som tenha sido empregado.

VT 4 – Acidente trilhos metrô de NY (INTERNACIONAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 5 – Morre Ronald Banks (INTERNACIONAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Acontece apenas uma ocorrência de um pequeno sobre som final, com o som da risada do assaltante junto da família, quando ele já estava doente.

VT 6 – Libera Ativista Greenpeace (INTERNACIONAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 7 – Pode Punir Itália (INTERNACIONAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 8 – Desalojados Chuva (GERAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 9 – previsão do tempo

Toda a previsão do tempo é acompanhada de trilha sonora. Ela começa na vinheta e acompanha a locução da repórter durante todo o tempo em que fica no ar. Uma maneira de criar uma identidade para o quadro além de diferenciar de uma reportagem.

VT 10 – Estímulo Economia Americana (ECONOMIA) - VT sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. (Ao final do VT teve a chamada de uma sonora do o Ministro da Fazenda do Brasil, também sem trilha)

VT 11 – Loteria Americana (INTERNACIONAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 12 – ONU Limita Espionagem (INTERNACIONAL) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 13 – Simplifica Linguagem Documentos (POLÍTICA) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 14 – Leis Aeroportos (SERVIÇOS) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 15 – Melhores Atletas do ano (ESPORTE)

A reportagem não foi musicada no processo de edição, porém, durante a entrega dos prêmios, havia uma trilha sonora que foi captada pela câmera. Assim o áudio 2 foi usado como trilha no início da reportagem, porém, apenas nos momentos em que havia a entrega de prêmios. No restante da reportagem, nada de música. Apenas um sobe do momento final da conquista do ouro de Arthur Zanetti, quando o repórter deseja sorte ao esporte nacional.

VT 16 – Atlético perde Raja (ESPORTES)

VT sem trilha sonora musical, mas que aproveitou todos os recursos de sobre sons: teve elevação com os sons da torcida e vários fragmentos com sobre sons da narração do jogo. Uma forma de dinamizar e também dramatizar a reportagem.

7.8 – APÊNDICE 8

Jornal Nacional exibido no dia 19/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura. Loc Offs e Notas não foram musicadas em nenhuma ocorrência no jornal.

VT 1 – Prende Torcedores Briga Estádio (ESPORTE/POLÍCIA) - reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Apesar de estar ligada ao esporte, a parte policial deixou o VT mais denso e nem mesmo sobre sons foram empregados.

VT 2 – Preso sequestrados mulher e filho (POLICIAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 3 – Homem Morre Bala Perdida (POLICIAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Porém, quando a repórter fala que as comunidades pacificadas voltaram a apresentar casos de violência, um sobre som de 3’’ com imagens de uma cinegrafista amador é utilizado, com o barulho de tiros nessas comunidades. O que sugere que a paz não chegou de verdade no local.

VT 4 – Morre Teste Físico (SAÚDE) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 5 – Radares mais potentes nas estradas (SERVIÇOS/POLÍCIA) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Mas a reportagem já começa com um sobe som de um flagrante: motoristas que freiam bruscamente quando percebem que a PRF está com radar na rodovia e o comentário do policial “tá vendo como eles freiam?”

VT 6 – Mais Desalojados Chuvas (GERAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 7 – previsão do tempo – toda acompanhada de trilha, como nas análises anteriores.

VT 8 – Taxa desemprego no Brasil (ECONOMIA) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 9 – Crise EUA X Índia (INTERNACIONAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Há aqui também a presença de um sobe som com áudio ambiente, de uma manifestação na Índia.

VT 10 – Fraudes Provas Enem (POLÍCIA)

Reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Entretanto, aqui não se usa o áudio 2 como sobe som e, sim, uma gravação de uma ligação telefônica pela própria polícia. Nela, os sons das vozes dos envolvidos combinando o esquema, o que colabora para passar a veracidade das informações que estão sendo passadas. Essa utilização acontece por duas vezes.

VT 11 – Atlético busca terceiro lugar (ESPORTE) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Dessa vez, apesar da presença do áudio ambiente, não houve nenhuma ocorrência de sobre som.

7.9 – APÊNDICE 9

Jornal Nacional exibido no dia 20/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura. Loc Offs e Notas não foram musicadas em nenhuma ocorrência no jornal, mas sempre contam com a presença do áudio ambiente.

VT 1 – Movimento Feriado Prolongado (SERVIÇOS) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 2 – Prejuízos chuvas (GERAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 3 – previsão do tempo – acompanhada de trilha, como nas análises anteriores.

VT 4 – Situação Presídio Pedrinhas (GERAL/POLÍTICA) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 5 – Irregularidades Renovação CNH profissional (POLÍCIA)

Reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Como está comumente sendo usado nas editoriais policiais, mais um sobre som foi usado, de uma

gravação da própria polícia, com declarações do entrevistado, que explica como o golpe era aplicado. Isso se repete por duas vezes.

VT 6 – Perfil Casais (COMPORTAMENTO)

Reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Entretanto, um fato raro até agora nas análises: o primeiro off começa sob o som da marcha nupcial. A música para antes mesmo dos 4’’ de VT, mas ela inicia a matéria, o que ajuda até mesmo na contextualização do tema.

VT 7 – Vendas TV Digital (ECONOMIA) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 8 – Mais Espionagem EUA (INTERNACIONAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 9 – Chama Globo Repórter – toda a chamada foi acompanhada da trilha característica da vinheta do programa, isso, além de criar identidade e identificação, serviu para deixar a chamada dinâmica e diferenciar a situação.

VT 10 – Morre Reginaldo Rossi (COMPORTAMENTO)

Nessa matéria é interessante notar dois momentos: o primeiro, quando aparece a notícia da morte, a retrospectiva da internação e onde estava sendo velado o corpo são desacompanhados de música. Porém, quando a reportagem entra na história do cantor, a música também aparece durante a locução do repórter. Os offs seguintes continuaram com trilha sonora e dois sobes sons de aproximadamente 5’’ foram usados durante a reportagem,

com imagens do cantor entoando suas canções. Antes do final do VT, mais um sobe som com o maior sucesso do músico foi inserido, com 10” de duração. E o encerramento foi ainda mais sugestivo: os fãs que estavam no velório de Reginaldo cantaram um trecho de Garçon. Trecho esse que foi emendado com mais um sobe som de um show do músico, onde ele canta “Se eu pegar no sono, me deite no chão”, em clara sugestão de morte. As palmas após o fim da música se seguem até que uma arte com a foto do cantor e data de nascimento de morte aparecem. Uma ocorrência rara do casamento entre músicas e imagens no Jornal Nacional.

VT 11 – Atlético-MG anuncia novo técnico (ESPORTE) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

7.10 – APÊNDICE 10

Jornal Nacional exibido no dia 21/12/2013

Toda a escalada é acompanhada da vinheta do programa e, apenas em um caso, há um áudio acompanhando a vinheta e a locução – o da matéria de abertura. Loc Offs e Notas não foram musicadas em nenhuma ocorrência no jornal, mas sempre contam com a presença do áudio ambiente.

VT 1 – Chuvas Espírito Santo (GERAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 2 – Temporais podem ser mais constantes (GERAL) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 3 – previsão do tempo – sempre acompanhada de trilha, como nas análises anteriores.

VT 4 – Risco Óculos Piratas (SAÚDE)

Reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Porém, existe um sobe som com imagens gravadas por uma câmera escondida. No som utilizado, o vendedor diz quanto custa comprar óculos de grau e até de quantos graus eles têm para vender. Além disso, um sobe som com uma pechincha feita pelo repórter foram usados. Dois sobe sons nesse sentido. Ainda tem uma ocorrência exemplificativa – quando o repórter alega que a quantidade de óculos apreendido é bem grande, um pequeno sobe som de 2” aparece, com o barulho de um saco de óculos sendo despejado no chão. Uma forma de deixar o VT mais didático, utilizando os sons disponíveis.

VT 5 – Começa Corre-corre compras Natal (COMPORTAMENTO/ECONOMIA) –

reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. Apesar de não ter relação com os sons, vale destacar que esse VT casado foi feito com um ritmo diferenciado e com muitas brincadeiras com o tema e personagens.

VT 6 – Espetáculo de Luzes Gramado (COMPORTAMENTO)

O VT tem, logo no início, uma trilha sonora. Ela, originada do espetáculo que acontecia no momento da gravação. Mais uma vez o áudio 2 sendo usado como trilha sonora da reportagem. Também tem sobe som, do público ovacionando os artistas.

VT 7 – Enterro Reginaldo Rossi (COMPORTAMENTO)

Ao contrário do VT do dia anterior que foi completamente musicado, esse, não teve trilha sonora feita pela edição. Porém, o recurso mais utilizado foi o sobe som com os fãs que acompanhavam o enterro cantando seus sucessos e transformando, como o repórter disse, “o momento de tristeza em alegria, em festa”.

VT 8 – Refaz Bye Bye Brasil (COMPORTAMENTO)

Pela segunda vez nessa análise, a presença de um VT com trilha sonora inserida pelo editor. A reportagem começa mostrando movimento e clipes bem rápidos que vêm acompanhados de um “baião”. Porém a sonorização acaba antes mesmo do final do primeiro off. A reportagem segue em trilha até pequenos sobes sons com trechos do filme. Até mesmo a arte usada na reportagem apareceu acompanhada de uma trilha sonora, com indicação de movimento/aparição. Quando a reportagem mostra as comparações das regiões visitadas durante as filmagens do filme de Cacá Diegues e nos dias atuais, a trilha também pontua a mudança, alternando entre as trilhas do filme e músicas mais atuais, fazendo mesmo uma comparação, até mesmo na sonorização. E se encerra, mais uma vez, com um trecho do filme que originou a reportagem: um dos personagens, toca uma sanfona.

VT 9 – Chama Fantástico – chamada toda acompanhada de uma trilha sonora que muda de acordo com o tema chamado, dando mais tensão ou não de acordo com o assunto. Ainda há a presença de sobes sons de trechos das reportagens do semanal.

VT 10 – Tesouros de Napolis (COMPORTAMENTO) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 11 – Renan Usa Jatinho (POLÍTICA) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2.

VT 12 – Atlético-MG Terceiro Colocado (ESPORTE) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. O áudio 2, mais uma vez, foi o responsável por um sobe som no encerramento da matéria, onde a torcida gritava “Fica Ronaldinho!”

VT 13 – Futebol de Areia na Final (ESPORTE) – reportagem sem a presença de música, mas com a presença do áudio 2. O áudio 2, mais uma vez, foi o responsável por sobe sons, com a animação da torcida da seleção.

VT 14 – Chama Esporte Espetacular – chamada toda ladeada pela trilha sonora característica do programa semanal.

VT 15 – Bairro de NY se enfeita para o Natal

A reportagem apareceu desacompanhada de trilha sonora desde o início, mas o recurso do sobe som com o áudio 2 da câmera foi usado no encerramento do VT. Já no final, quando mostrava as luzes e na fala final do repórter, uma trilha que mais parece um som de uma caixinha de música surgiu, dando a possibilidade de um pequeno clipe final de 5’’ com imagens das casas enfeitadas.

8 ANEXOS

TRANSCRIÇÃO E RELATÓRIO DO GRUPO FOCAL

Participantes:

Participante 1 – I, estudante, adolescente.

Participante 2 – L, estudante, solteira.

Participante 3 – M, universitário, solteiro.

Participante 4 – C, universitária, solteira.

Participante 5 – L, universitária, casada.

Participante 6 – R, jornalista, solteira.

Participante 7 – L, advogado, solteiro.

Participante 8 – G, servidor público, casado.

Participante 9 – W, auxiliar de serviços gerais, solteiro.

Relatório do Grupo Focal:

Para que os participantes pudessem discutir sobre o tema, que não foi passado para eles antes do debate, foram exibidas três reportagens. *Ricardo Maurício* (Apêndice 4), *Olimpíada de Matemática* (Apêndice 5) e *Morte Servente de Pedreiro* (Apêndice 5). Toda a reunião foi gravada com uma câmera de vídeo, para que facilitasse o processo de documentação e transcrição.

Durante a exibição das matérias o participante 8 demonstrou desconforto em alguns momentos da reportagem 3. Ele fez caretas em alguns momentos da reportagem e, em outros, se endireitou na cadeira. A participante 2, por alguns momentos da reportagem 2, ficou mexendo no celular e não prestou atenção no que estava sendo exibido. O participante 9 ficou o tempo todo com um olhar intrigado para os VT apresentados, enquanto o participante 7 fez algumas anotações ao longo da exibição. O restante dos presentes na sala não se manifestou durante a mostra das matérias.

Após o final da exibição das reportagens os envolvidos foram incentivados a debater sobre as diferenças que eles perceberam entre os VTs apresentador. A participante 5 disse que a principal diferença notada foi quanto ao foco do público, já que o Jornal Nacional é mais tarde e o Esporte Espetacular exibido mais cedo. Ela ainda destacou que o JN dá notícias mais sérias, enquanto o EE é mais leve, pois as pessoas não querem ver notícias graves no horário em que ele é exibido. O participante 7 ponderou que a duração das reportagens tem uma grande diferença de tempo, já que a esportiva foi maior do que as outras. A participante 4 atentou para os recursos utilizados nas reportagens, uma vez que na esportiva o jogo de câmeras foi maior do que nas outras duas. E entre as matérias do JN ela ainda ressaltou mais uma diferença: a presença de uma narrativa na *Olimpíada de Matemática*, enquanto na terceira havia apenas informação passada.

A participante 6 relatou que a reportagem esportiva utiliza mais recursos, como trilhas sonoras, imagens de arquivo e fotos, ausentes nas matérias diárias do Jornal Nacional. O que fez o participante 9 se manifestar. Ele explicou que o primeiro VT mostrava “o lado bom da vida”, enquanto o segundo e o terceiro, “a realidade do povo brasileiro”, que muitas vezes não tem a trilha sonora da vitória de Ayrton Senna. Para ele, “no Esporte Espetacular veio o prazer de andar de kart e eu conheço muitas pessoas que não teriam essa condição.” (Anexos)

Ainda sobre as diferenças, o participante 3 observou que, mesmo não tendo música, a reportagem *Olimpíada de Matemática* é mais leve do que a *Morte Servente de Pedreiro*, o que possibilitou que a repórter contasse uma história e não apenas apresentasse o fato em si. Ao final da primeira parte dessa discussão o participante 8 pediu a palavra e disse que, pensando no que disse o participante 9, ele percebeu que as reportagens foram construídas sobre a ótica do merecimento, ou seja, o que teria feito Ricardo Maurício para merecer ser o campeão? O que as crianças de Dores do Turvo fazem para merecerem ganhar a

Olimpíada de Matemática? E o que teria feito o servente de pedreiro para merecer morrer? Ele ainda sentiu falta de informações na reportagem 2, como quantos alunos estudam na escola citada e quantas escolas existem na cidade.

Em um segundo momento os convidados foram chamados a debater sobre o uso de trilha sonora nas reportagens. A participante 6 disse empolgada que a música pode ter dois lados quando empregadas em reportagens. “(...) há muita diferença, já que na matéria do Esporte Espetacular eles colocam músicas ‘pra cima’ nas horas de conquista; aqueles sons do Ayrton Senna ganhando a fórmula 1... Tudo isso remete a emoções e faz a gente lembrar e até ficar ‘pra cima’ com a reportagem. Nas outras duas eu não ouvi música, talvez até para não desviar o foco do assunto, já que a música pode também tomar esse papel, mas também pode prender. Eu por exemplo, quando ouvi a música, pensei ‘nossa, eu adoro essa música’, poderia ter perdido o foco e começado a cantar ou então estar distraída e olhar para a TV. Tem dois lados. Mas na reportagem da *Olimpíada de Matemática* poderia ter uma música, ali caberia.”

O participante 9 discordou e disse que uma música usada na matéria poderia dispersar atenção, já que a reportagem trata apenas de uma cidade de Minas Gerais. Assim, com trilha sonora, moradores de outras regiões poderiam não se interessar, já “que não é da área deles”. O participante ainda opinou que não cabem músicas no Jornal Nacional para não desviar o foco, enquanto no Esporte Espetacular elas acabam convidando o telespectador a assistir. A participante 2 e o participante 1 concordaram ainda que o próprio formato propicia isso, ainda mais porque o Jornal Nacional é mais sério e só passa a notícia. Eles ainda falaram sobre o uso de sobe som na matéria *Servente de Pedreiro*. Nela, há o emprego de uma parte de um vídeo amador, que mostra a vítima implorando pela vida e o barulho de um tiro. A participante 2 disse que o uso de tal recurso choca, pois parece que você está vivenciando o

fato. O participante 1 concordou que a cena é forte, mas disse que “não é sempre que temos a oportunidade de ver uma cena dessas. Tem que colocar mesmo, porque choca”.

A participante 4 ainda destacou que esse uso ou a ausência dele dizem muito. É como se colocassem apenas o silêncio, já que a maneira como fosse empregado poderia indicar, apenas pela ausência de som, a morte. Ela ainda afirmou que a trilha sonora e os sons sugerem muito, em qualquer situação. Sobre essa sugestão, o participante 3 disse ainda que se trata de uma crença do povo brasileiro, o “ver para crer” e que o recurso foi utilizado para provar o que o repórter estava falando.

Todo debate sobre o emprego de trilhas sonoras fez com que o participante 9 se lembrasse de uma fala que um professor dele narrava em sala de aula. “Ele dizia que não são os nossos olhos o portal da nossa imaginação e, sim, os nossos ouvidos, porque a partir do momento em que você escuta um som, sua cabeça viaja até você conseguir focar no que aconteceu, então, por isso eu acho que eles colocaram o som que está no ambiente. Porque é igual escutar um passarinho, você imagina ele cantando, ou quando escuta um desenho do Pica-pau, você vai imaginar o pica-pau, o personagem. Ou seja, quando você escuta um tiro e um cara implorando pela própria vida, isso te impacta muito mais pois, mesmo se não tiver a imagem clara, você imagina o que aconteceu. Se coloca no lugar”

Questionados se a falta de música no Jornal Nacional é prejudicial, o participante 8 disse que não sente falta, uma vez que poderia servir como um elemento de distração. Opinião parecida com a da participante 2 que disse se distrair muito fácil e, se uma música que ela gosta fosse empregada, poderia sair dançando e cantando pela casa e esquecer a informação passada. A participante 4 ainda disse que seria incoerente e até antiético o emprego de trilha sonora em uma matéria policial, por exemplo. Além de concordar com ela, o participante 3 ainda acrescentou que, por outro lado, a música é indispensável nas reportagens do Esporte Espetacular, uma vez que elas ajudam a guiar a reportagem. Ele citou

o exemplo de uma brincadeira feita na reportagem e que, no exato momento, a trilha mudou, deixando a atmosfera mais leve e mostrando que aquilo não era uma verdade irrefutável.

Os participantes ainda concordaram que existem programas de notícias diárias e que são musicados, porém, eles caem na questão do sensacionalismo, de mostrar e dramatizar as tragédias, de uma forma exagerada.

Ainda sobre a interferência da música no entendimento da informação a participante 4 disse que a música, por si só, passa informações. Com essa gancho, a participante 6 ainda emendou que, por isso, o uso de sons deve ser feito com muita cautela, para que não haja ruídos no entendimento do público. Os participantes 3 e 8 ainda discordaram em um aspecto – o da atração e dispersão da música. Para o participante 3 a trilha sonora te prende e te chama para a reportagem, uma vez que você pode estar passando, escutar a música e ficar para assistir a reportagem. Já o participante 8 sugere que, você pode estar assistindo a uma matéria e, quando toca a música, de dispersar, pensando onde ouviu tal música, quem é o cantor ou até mesmo começar a cantar. Sobre essa discussão a participante 2 alegou que se interessa muito mais por VTs com trilha sonora, pois alguns são tão bem casados que “dão até vontade de chorar”. A participante 5 ainda completou dizendo que a música mexe com nossas emoções e por isso sempre interfere na informação que está sendo passada.

Na parte final do grupo focal os convidados ainda foram chamados para comentar a respeito das vinhetas dos telejornais. Como respostas, todos foram unânimes em lembrar de uma peça que não foi mostrada na exibição: a do Plantão da Globo. Os participantes concordaram ainda que só de ouvir a vinheta já vem a primeira pergunta “quem morre?” e todos correm para a frente da TV com o objetivo de saber o que aconteceu.

A participante 2 confessou que todo o programa deveria ter vinheta na opinião dela, uma vez que as pessoas reconhecem o show por aquele som. O participante 1 concordou

e ainda revelou que algumas vinhetas ficam gravadas em nossas memórias afetivas, tanto que só de ouvir a trilha sonora, nós já nos lembramos de qual programa é. Já o participante 7 relatou que a abertura do Jornal Nacional é um dos primeiros sons que guardou como referência de vida, pois ele sempre soube o que era, desde pequeno.

Outros dois convidados destacaram o aspecto funcional da vinheta. O participante 9 lembrou que, se alguém estiver na rua sem relógio, passar perto de uma casa e escutar a abertura do JN, vai poder se situar no tempo e saber que, aproximadamente, o horário gira em torno de 8h30m e nove horas da noite. Aí fica sabendo se está atrasado ou não para um determinado compromisso. Já o participante 8 destacou que muitas pessoas deixam a televisão ligada e vão fazer outras atividades, portanto, é a vinheta que as situa no tempo e mostra que determinado já começou ou voltou dos comerciais.